



Universidade de Brasília
Instituto de Artes Departamento de
Artes Cênicas

SOUNÓS
Práticas de resistência para uma escolarização antirracista

Milca Maria Orrico

Brasília, 2021



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

SOUNÓS

Práticas de resistência para uma escolarização antirracista

Milca Maria Orrico

**Trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura em Artes Cênicas -
apresentado ao Departamento de
Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília**

**Orientador: Prof. Dr. Jorge das
Graças Veloso**

Brasília, 2021

**Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de grau de licenciada
no curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.**

SOUNÓS

Práticas de resistência para uma escolarização antirracista

Milca Maria Orrico

Monografia apresentada em 04 de Novembro de 2021

Banca avaliadora:

**Professor Dr. Jorge das Graças Veloso (CEN/UnB)
ORIENTADOR**

**Professora Dr^a. Jennifer Jacomini de Jesus (CEN/UnB)
MEMBRA INTERNA**

**Professor Me. Victor Hugo Leite de Aquino Soares (PPGCEN/UnB)
MEMBRO EXTERNO**

SEM VOCÊ, EU NÃO SERIA POSSÍVEL

Agradeço a este corpo que vos escreve, Milca Maria Orrico, por todos os momentos que me vi chorar, por todos os momentos que me vi sorrir, por todos os momentos que enxuguei as minhas próprias lágrimas. Agradeço pela calma após crises ansiosas, agradeço pela paciência nos momentos que tinha certeza que a desistência era real. Agradeço as danças, as músicas, os picos de adrenalina e os gritos que ecoam em minha minha cabeça: EU POSSO. Sem mim, eu não seria possível.

Agradeço à minha mãe, Amarilda Maria Monteiro Orrico, pela compreensão, pelo maior amor do mundo, pelo carinho, por cada palavra dura que me fez continuar, por cada palavra de afago que me fez sentir em casa. Por cada abraço. Por cada eu te amo antes de dormir. Por cada refeição preparada com amor. Por acreditar em mim, quando eu já não tinha mais forças para acreditar. Por me ensinar o que é força, o que é determinação, o que é persistência, o que é ter fé, o que é ser vida. Sem você, minha mãe, eu não seria possível.

Agradeço à minha companheira, Larissa Dormundo Nerys , pelas conversas, pelas risadas, pelos beijos e abraços. Pelas palavras de carinho quando percebia que meu corpo não aguentava mais. Pelos parques aos domingos, pelas séries após o cumprimento de nossos cansativos dias. Pelas piadas muito bem estruturadas que me fazem dar gostosas gargalhadas. Pelos planos futuros que fazemos e anseio o dia que chamarei de presente. Por estar neste momento ao meu lado, enquanto escrevo, me ajudando a continuar. Sem você, meu denço, eu não seria possível.

Agradeço a todas as minhas amigas e amigos pelos passeios que me faziam esquecer as mazelas da vida. Por sempre me mostrarem que eu sou capaz sim, por sempre me mostrarem o quão amada sou, mesmo quando eu achava ser impossível. Por cada sorriso quando eu aparecia. Por cada tom de carinho e amor em nossas conversas. Por todos os planos que fazemos, por confiarem em mim, pelas brincadeiras, pelas lágrimas e gargalhadas. Sem vocês, minhas amadas e amados, eu não seria possível.

Agradeço ao meu orientador, Jorge das Graças Veloso, por acreditar em meu trabalho e em mim. Por cada orientação. Por me mostrar que sou maior do que acredito ser. Pelas palavras de elucidação. Pelas palavras de incentivo. Por cada lágrima de emoção. Por falar que sou capaz, e mais ainda, permitir que eu me visse como. Sem você, eu não seria possível.

Agradeço a todas e todos que passaram em algum momento da minha vida e me fizeram o corpo que sou hoje.

Sem vocês, eu não seria possível.

Gritaram-me Negra

Victoria Santa Cruz

Tinha sete anos apenas,
 apenas sete anos,
 Que sete anos!
 Não chegava nem a cinco!
 De repente umas vozes na rua
 me gritaram Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 “Por acaso sou negra?” – me disse
 SIM!
 “Que coisa é ser negra?”
 Negra!
 E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
 Negra!
 E me senti negra,
 Negra!
 Como eles diziam
 Negra!
 E retrocedi
 Negra!
 Como eles queriam
 Negra!
 E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
 e mirei apenada minha carne tostada
 E retrocedi
 Negra!
 E retrocedi . . .
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 E passava o tempo,
 e sempre amargurada
 Continuava levando nas minhas costas
 minha pesada carga
 E como pesava! . . .
 Alisei o cabelo,
 Passei pó na cara,
 e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra

Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
E daí?
E daí?
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor!
NEGRA
E como soa lindo!
NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro
Afinal
Afinal compreendi
AFINAL
Já não retrocedo
AFINAL
E avanço segura

AFINAL

Avanço e espero

AFINAL

E bendigo aos céus porque quis Deus

que negro azeviche fosse minha cor

E já compreendi

AFINAL

Já tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

Negra sou!

RESUMO

Este trabalho aborda as práticas de docilização que ocorrem na fase de escolarização do corpo negro. Através de uma escrivência, perpassa desde o momento que o corpo se compreende como um corpo negro, até o momento que toma consciência de ser um corpo docilizado. Reflete a partir da etnocologia e estética do corpo negro, formas de resistência produzidas por diferentes corpos negros. Para os diálogos sobre resistência, além das trocas com diversos teóricos e teóricas, o trabalho disponibiliza três entrevistas de corpos negros sobre a produção de seu eu. Por fim, aprofunda em ações necessárias para uma escolarização antirracista.

Palavras-chave: Antirracismo. Corpo negro. Docilização. Escolarização. Resistência.

SUMÁRIO

Capítulo 1 - Conheci a escola em uma quarta-feira de sol	15
Capítulo 2 - Corpo resistente	26
2.1 - Espetacularidade como resistência	30
2.2 - Naiara Lira	32
Capítulo 3 - A escola que eu quero	38
3.1 - O negro como referência estética	41
3.2 - Mariana Maia	44
SouNós	51
REFERÊNCIAS	54

A caminhada deste corpo em terra teve início em 10 de maio de mil novecentos e noventa e sete. Filha de mãe solo, mulher negra, nordestina. Quero falar de meus olhos, que já enxergaram maravilhas e dores, ouvidos que já ouviram palavras de incentivo, conselhos, mas que já foram desmotivados um dia. De minha boca, de onde já saíram palavras afáveis e agressivas. De minhas mãos que já sentiram e puderam prover o toque macio, que me permitem um dos meus maiores prazeres, o tato, mas que um dia foram ásperas e pesadas. De meus pés, que ainda que eu carregasse um sentimento de antipatia, sempre estiveram por mim, me guiando, me levantando, me sustentando. De minhas entranhas, de meus órgãos internos, de cada veia, vaso sanguíneo, unha, orelha, baço, rim, fígado, medula óssea, eu. Ao meu coração, ao meu cérebro. Escrevo a você, corpo. Corpo que sente, corpo que pensa, corpo que tem instintos, corpo que chora, corpo que ama, corpo que odeia, corpo que dança, corpo que sorri, corpo que se exaure, corpo que aprende, corpo que ensina.

Foram muitos dias tentando conceber uma introdução. Poderia dar início a esse trabalho trazendo todo o apanhado histórico de torturas físicas e psicológicas que corpos pretos sofreram e ainda sofrem. Entretanto, me recuso a contar toda a história passada no Brasil durante mais de quinhentos anos por corpos pretos para fazer cama para o que vem a seguir. Por isso, peço licença para dar início a essa escrita falando do hoje, que apesar de ser hoje, ainda reflete esses mais de quinhentos anos.

Aos cinco anos, durante uma reunião familiar *Gritaram-me Negra*¹. Todos reunidos na sala, minha tia comenta quase como uma coisa banal que meu avô não gosta de mim. Eu não sabia, depois daquele dia não pude esquecer. Ainda não conhecia a palavra, eu só sabia que meu avô não gostava de mim por eu ser negra. A verdade é que não sei se isso é real ou apenas um ato de crueldade por parte da parente em questão. Minha relação com meu avô era de pouco contato, me recordo de ser um homem calado, esguio, fruto da miscigenação,

¹ Poema traduzido para o português 'Me Gritaron Negra' de Victoria Santa Cruz.

preto de pele clara que se via como branco. Nunca senti desprezo, nojo, ódio, indiferença de meu avô por mim, mas também nunca senti amor. Estava feito, me vi negra.

Neste trabalho falarei sobre corpo, sobre a produção do corpo preto, sobre os processos docilizadores que acompanham essa produção e sobre processos de resistência que após a criação do racismo se mostraram necessários para a sobrevivência de meu povo, povo negro. Anseio e justifico a escrita deste trabalho porque entendo e vivo toda a problemática em torno do racismo, dos processos docilizadores que os corpos pretos assim como o meu sofrem, porque entendo e vivo os processos de resistência que esses corpos ocupam. Escrevo este trabalho porque passei por tantos processos docilizadores que hoje duvido até se sou capaz de escrevê-lo e eu quero ser capaz. Quero ser capaz de dar aulas com referências negras, quero que minhas alunas e meus alunos se inspirem em teóricos e teóricas, personagens, filmes, músicas, quadros, eu. Quero que minhas alunas e meus alunos tenham pessoas negras como referência, quero que não precisem sentir o que hoje eu sinto. Quero que não precisem correr em busca de si mesmos como hoje eu corro, quero que não tenham medo de falar como hoje eu tenho, quero ser uma personagem ativa na vida de estudantes que se reconheçam nas leituras, na televisão, nos filmes, que compreendam suas possibilidades. Quero que após esse trabalho eu reconheça essa possibilidade em mim. Quero não ter que falar sobre todas as violências que sofri e que outros iguais a mim sofrem, quero que quando a gente fale sobre pessoas negras seja pelo trabalho que fazemos, seja pela inspiração que trazemos e que não precise ser carregada de dor. Hoje faço parte dos que resistem e quero me reconhecer como resistente. Quero que minhas e meus estudantes se sintam vistas e vistos, quero que elas e eles não precisem ser tão resistentes assim como um dia meus antepassados foram mais que eu, e como hoje eu sou. Quero que as crianças que amanhã terão minha idade sejam completamente diferentes de tudo que hoje eu sou. Quero que os processos docilizadores que infelizmente hoje trago aqui, e se trago hoje é porque eles existem a muito mais tempo do que minha existência, não existam mais. Quero que essas crianças não se sintam desesperadas por serem quem são. Escrevo não só porque quero, mas porque todos deveriam querer e compreender a necessidade de uma educação que, para além da escola, seja antirracista.

A educação antirracista se faz necessária no momento em que toda a história que

aprendemos na escola foi contada por brancos, quando o racismo não é pauta de discussão, mas é pauta na vida de cada aluna negra e de cada aluno negro que tem seu corpo docilizado dentro da sala de aula e fora dela. Se faz necessária quando alunas negras e alunos negros não conseguem ter perspectivas de crescimento pessoal e profissional porque o racismo desestabilizou aquele corpo até que ele se tornasse invisível, impotente. Se faz necessária porque o Brasil tem como maior parte de sua população corpos pretos e ainda assim por causa de todo o racismo, violência e docilização, nós somos vistos como minoria social.

Por meio da *escrevivência*, termo conceituado por Conceição Evaristo (2020), que tem como concepção a escrita pela vivência da mulher negra, exponho minhas experiências e vivências. Ainda que relatadas por mim, não falam apenas sobre este corpo, mas trago ecos, atravessamentos, intersecções, contaminações, imbricamentos da vida e experiência de corpos negros. A necessidade dessa escrita ocorre pelo desejo de falar sobre nós, para nós, a partir de nós mesmos, me baseando também nas proposições da Etnocenologia, como tratarei mais adiante.

Os processos docilizadores que neste trabalho serão expostos e discutidos acontecem dentro e fora do ambiente da escolarização. Como este trabalho fala sobre arte-educação, atrevo-me a abordar apenas o meio escolar, mas acredito ser de extrema importância a consciência de que esses processos estão por todas as partes. E falando sobre esses processos que o primeiro capítulo se sustenta, em um diálogo com o autor Alberto Roberto Costa, conto mais experiências de como a docilização aconteceu em meu corpo e em outros tantos corpos negros.

Em contraponto à docilização, trago a resistência. Este trabalho é fundamental como grito de luta. Para que possamos reconhecer, discutir e recorrer aos processos de resistência a fim de combater esses atos de docilização históricos que ocorrem em diversos âmbitos de nossas vidas. A população negra nunca desistiu de lutar por si e eu nunca desisti de lutar por mim. Por isso hoje ocupo meu lugar de direito nesta universidade pública e com muito orgulho disponibilizo esse trabalho necessário. O segundo capítulo deste trabalho, portanto, irá se debruçar sobre as resistências. Iremos caminhar pelo conceito do que é resistir e logo

depois como a resistência está na arte-educação. Bebendo das fontes da etnocenologia, abro uma fala sobre a espetacularidade como resistência. Neste mesmo capítulo trago para a conversa, Naiara Lira. Em entrevista, iremos dialogar sobre os processos de resistência que ela como mulher negra desenvolveu para sua sobrevivência como corpo vivente.

No terceiro capítulo, disponibilizo caminhos possíveis de resistência à docilização dentro da escolarização. Partindo de diálogos da etnocenologia com noções de protagonismo juvenil, coloco o corpo negro como referencial estético dentro de sala de aula, relato as experiências que tive como docente, trazendo erros, acertos, incertezas e questionamentos. Acredito que a arte-educação é fundamental para que a/o estudante se torne autônoma de sua própria aprendizagem com referências que lhe cabem e que a/o torne possível de si. Por isso, disponibilizo também uma entrevista com a professora Mariana Maia que, formada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, trabalha cinema e protagonismo juvenil dentro da sala de Artes da Escola Municipal Professor Hilda do Carmo Siqueira e Escola Municipal Romeu Menezes dos Santos, localizadas na cidade de Duque de Caxias - RJ.

Capítulo 1 - Conheci a escola em uma quarta-feira de sol

Quero falar da minha coluna que tem a missão de me sustentar enquanto um corpo que às vezes não consegue se sustentar. Quero falar dos meus dedos que escrevem este trabalho tão importante para mim. Quero falar de meu útero que ainda que não esteja gerando uma vida humana, está gerando este meu filho que escrevo a vocês. De meu cérebro que a cada escrita concluída libera um turbilhão de dopaminas me mostrando o quão capaz eu sou de estar aqui. Escrevo a você corpo/alma, corpo que escreve, corpo que pinta, corpo que grita, corpo que corre, corpo que quer fugir, corpo que quer ficar, corpo luta, corpo que desiste, corpo que resiste, corpo que se sente pequeno, corpo que se sente grande, corpo que se alimenta, corpo que digere muito mais que alimentos, que digere palavras, toques, sons, cheiros, imagens e percepções.

Hoje aos 24 anos compreendo muito mais de meu passado e me preparo muito mais para meu futuro. A escolarização está diretamente relacionada ao ser que somos e que nos tornamos na vida. Assim que damos início a esta fase educacional, é comum ouvir que a escola é a nossa segunda casa. E realmente é. A escola é o lugar que passamos mais tempo depois de nossa casa. Lá nos conectamos com diferentes pessoas, criamos elos, nos desenvolvemos intelectualmente e corporalmente. A escola é uma experiência que nos passa². Entre experiências boas e ruins, a escola está ali como agente transformador. Não é possível ter contato com o sistema de escolarização e sair ileso.

A educação brasileira registrada historicamente nos documentos oficiais se concebe com ideais religiosos e catequizadores. Com a chegada dos Jesuítas ao território brasileiro tem-se implantada uma educação estritamente religiosa, com o objetivo de converter os corpos originários à fé cristã. Nesse mesmo cenário, enquanto esses corpos passavam por esse processo docilizador, os filhos dos colonos que aqui se encontravam recebiam outro tipo de educação, voltada para a gramática, matemática, filosofia e também ensino religioso. Constituem-se nesse contexto os primeiros processos docilizadores. “Chamo de docilizadores os conjuntos de ações e discursos que provocam experiências de submissão, obediência e controle opressivo que agem nos processos de docilização dos corpos e, consequentemente, do corpus” (COSTA, 2015, p.60).

Atualmente, no século XXI, a escolarização passou por diversos avanços, pois tornou-se obrigatória e prevista na Constituição Federal, Art. 205. “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (1988). Todas as crianças a partir de 4 anos de idade devem estar matriculadas em alguma instituição educacional independente de sua cor, status social e condição financeira, terminando este ciclo obrigatório aos 17 anos, ao final do ensino médio.

As metodologias e conceitos de educação também estão em constante transformação. Em seu trabalho, o teórico Paulo Freire (1970) elabora a definição de dois formatos de

² “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (Larrosa, 2002, p.21)

educação, sendo a primeira, a educação bancária, que é aquela na qual o professor tem a visão de que a/o aluna/o é uma caixa vazia e que a/o docente tem o propósito de depositar todo seu conhecimento na estudante e no estudante, para que assim, esse corpo vire um reprodutor do conhecimento que lhe foi depositado. Já a educação libertadora, ou problematizadora, diz respeito a/ao professora/professor se colocar como uma/um mediador, tornando a estudante e o estudante protagonistas na produção de seu aprendizado.

Para se tornar protagonista de seu aprendizado, detentor de seu conhecimento e sua história, é necessário que a/o estudante conheça seus antepassados, sua história e a luta de seu povo. Saber de onde vem nossas raízes é primordial para que possamos florescer. Após muitos debates e diálogos de movimentos sociais, sobretudo, os movimentos negros, em 2003 foi instaurada a Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Esta lei inclui no conteúdo programático "O estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil" (BRASIL, 2003, caput 1º).

Ainda que as instituições de ensino estejam passando por constantes transformações e a educação para todos esteja prevista em lei, não é o que realmente acontece quando temos uma visão micro do que ocorre dentro da escolarização. A educação bancária ainda é a mais praticada, se tornando muito maçante e pouco atrativa para os corpos que frequentam o sistema educacional. A história e cultura afro-brasileira se resumem apenas ao que é visto na invasão dos portugueses ao Brasil. Não se tem o outro lado da história. A cultura africana é recheada de pré julgamentos resumindo-se apenas às violências praticadas pelos colonos. A evasão escolar também é uma das maiores problemáticas, principalmente para corpos negros que, sendo colocados em posições inferiores se veem obrigados a deixarem a escola.

Corpos que não se enquadram, não se adaptam, se recusam a aprender, pois outras urgências se materializam no abuso sexual sofrido, no familiar preso, na sexualidade não respeitada, na violência vivida cotidianamente, nas dificuldades econômicas familiares, entre tantas outras. Pessoas que

sentem em seus corpos as opressões, mas que resistem consciente ou inconscientemente (COSTA, 2015, p. 52).

A escolarização no século XXI passou por diversos avanços e mudanças. Gostaria de falar que todos os netos e bisnetos de corpos pretos que um dia foram violentados, hoje tem a oportunidade de se colocar com equidade em ambientes com corpos brancos. Entretanto, ainda que esses avanços tenham acontecido, o racismo estrutural continua a moldar novas formas de docilização, opressão e violência.

A maior parte de minha família é composta por mulheres educadoras e isso fez com que o meu contato com a escola sempre fosse de muito afeto. Durante o ensino infantil, aquele ambiente realmente me empoderou. Eu conseguia sentir uma força vital tão forte que poderia enfrentar o mundo todo. Já ao final do ensino fundamental I, tudo mudou: as/os estudantes não eram tão abertas/os e empáticas/os as/aos outras/os, grupos sociais eram formados para praticar bullying e as exclusões aconteciam diariamente. Sem perceber, acabei sendo alvo de um desses grupos durante um ano da minha vida. Um dia eu senti que poderia ser tudo que eu quisesse, no outro eu não queria mais ir à escola e nem me relacionar com outras pessoas. Nessa época eu sabia que sofria bullying, e hoje, aos 24 anos, compreendo que o termo era utilizado para velar o que realmente acontecia: o racismo.

A naturalização das brincadeiras e das piadas racistas reforçam a ideia de inferiorização. A impotência diante do problema associada com a ausência de mediações educativas da família ou da instituição escolar contribui com a destruição da autoestima, desarticula resistências e dificulta aprendizagens. Por isso, acredito que o racismo disciplina o corpus negro, transformando-o em um objeto dócil ao (de)compor suas forças e direcioná-las rumo a uma docilidade nas relações de poder – o lugar da submissão e da obediência. Nesse contexto, a ideologia do embranquecimento dispara sinais de valorização das representações ligadas aos padrões estéticos europeus pressionando os sujeitos negros para negarem sua própria identidade (COSTA, 2015, p. 11).

A palavra bullying intimamente me causa um desconforto muito grande. O termo é de origem inglesa e tem como tradução *bully* - valentão e *ing* - constância. Ou seja, crianças que sofrem bullying podem experimentar violências físicas, verbais e psicológicas diariamente. Entretanto, é muito comum confundir o bullying com o racismo, colocando crianças negras em posições de desconforto e silêncio. O racismo, diferente do bullying, está incrustado em nossa sociedade em todos os âmbitos, enquanto o bullying acontece em grande maioria dentro da escola. O racismo é vivenciado por esses corpos diariamente e em diferentes locais sendo naturalizado por grande parte da comunidade.

Após um ano sendo vítima de agressões verbais e sofrendo calada, decidi comunicar a minha mãe o que acontecia. Ela, assim como eu, passou grande parte da vida escolar sendo alvo do racismo por alunas/os e professores. A dor, a raiva e frustração que vi nos olhos de minha mãe ao contar que eu estava passando pela mesma situação que ela, me fizeram perceber o quão grave era o ocorrido. Assim que soube, ela compareceu à escola buscando respostas do porquê ninguém da gestão e nenhum docente tomou alguma providência pois, afinal, o ato acontecia na frente de todos. No outro dia, ao chegar à escola, parecia que eu nunca havia sofrido nada, as/os colegas de classe pareciam amedrontados, ninguém se referia a mim por nenhum apelido, apenas pelo meu nome. Mas não demorou muito e tudo voltou a acontecer novamente. E assim continuou a produção deste corpo que lhes escreve. Um dia, falei para minha mãe que gostaria de alisar o cabelo. Como fala Alberto Roberto Costa (2015), no trecho acima, ao me colocar nos padrões estéticos europeus, alisando meu cabelo, tudo mudou. A partir daquele momento eu fazia parte daquela comunidade escolar: pude fazer parte do grupo "popular" da escola e consegui recuperar parte da autoestima que havia sido arrancada de mim.

Havia me tornado um objeto dócil, minhas forças haviam sido decompostas e eu já não queria ser aquela que um dia fui. Entre momentos felizes de elogios à minha aparência eu permeava entre momentos tristes e devastadores no salão alisando o cabelo e ouvindo frases como "Ser bonita dói mesmo, mas você aguenta." Aguento o que? O meu não ser mais quem eu sou? Aguento o que? Me perder de mim mesma antes de saber quem eu sou? Aguento o que? Sentir meu couro cabeludo queimar enquanto uma lágrima escorre em meu rosto? Aguento o que? Porque eu preciso aguentar?

Os questionamentos que coloco aqui começaram a pairar em minha cabeça aos nove anos de idade. A desumanização do corpo negro se apresenta ainda na primeira infância, como coloca Alberto Roberto Costa: “As crianças negras eram sistematicamente prejudicadas com a diminuição das expectativas sobre elas e tinham que enfrentar um mundo de má vontade contra si, devido às características fenotípicas sobre as quais elas não possuíam controle” (MACHADO apud COSTA, 2015, p. 134). A citação se constrói no pretérito, porém, devo salientar que ainda no presente as crianças negras vivenciam as mesmas ações.

Ainda no ensino fundamental eu me dividia em duas situações: a primeira era de estar como alvo de um grupo que praticava o racismo; a outra, era de ser a flecha que buscava outros alvos para atingir. Quando fui colocada como objeto da violência em questão, comecei a desenvolver um comportamento extremamente destrutivo, no entanto, foi a única forma que encontrei para criar um muro de proteção ao meu redor. Havia uma menina negra igual a mim que estudava na mesma sala que eu. Em uma tentativa de tirar os holofotes de minhas costas, comecei a fazer a mesma coisa que sofria do outro grupo. Sempre que eu disparava alguma ofensa à menina em questão, me sentia muito confusa. Eu não sabia porque fazia aquilo e sentia a dor dela. Ao olhar em seus olhos eu sabia o que ela sentia. Eu e ela, duas meninas negras lutando pela sobrevivência dentro de uma escola na qual éramos invisibilizadas.

Ao ingressar no ensino médio, pude sentir em meus ossos o medo que invadia este corpo. A ansiedade de não saber o que estava pela frente, o desconforto de saber que tudo poderia ser igual ao ensino fundamental. Primeiramente, eu sempre fui uma pessoa extremamente tímida, e não iria estudar na mesma escola que minhas/meus colegas do ensino fundamental. O que quero dizer com isso é: eu havia passado por tudo aquilo no ensino fundamental, tinha conseguido superar toda a dor que me foi causada e adentrar um grupo com status popular. Eu definitivamente não estava disposta a correr o risco de reviver as violências sofridas em um novo ambiente. Apesar de toda a ansiedade, posso afirmar a vocês que foi bem diferente de tudo que eu imaginava e um dia havia vivenciado. Logo no primeiro dia de aula já estava rodeada de colegas e novos amigos e amigas, todas/os

estavam interessadas/os em me conhecer e eu estava interessada em conhecê-las/os também.

Com o decorrer do ano enraizei algumas amizades e outras se perderam. Me tornei parte de um trio de amigos inseparáveis. Eu, ela e ele. Meu melhor amigo e minha melhor amiga eram brancos. Durante a produção de nossa relação, meu melhor amigo em algumas brincadeiras direcionadas a mim disparava uma única palavra: PRETA. Confesso a vocês que não posso dar um exemplo concreto de uma frase em que ele introduzia a palavra, pois elas se perderam em minha mente, e apenas a imagem de sua face proferindo a palavra e o sentimento permaneceram. Nunca cheguei a confrontar este amigo sobre o porquê de utilizar essa palavra com tanta ênfase em alguns momentos para se referir a mim. Acredito que eu já sabia. Já de minha melhor amiga, nunca senti, nem ouvi nenhuma palavra que me causasse desconforto ou confusão. Porém, também nunca a vi questionando o que acontecia quando ela estava presente e ele se posicionava daquela forma.

Ao trazer o fato do esquecimento das frases ouvidas, reflito sobre o esquecimento seletivo que muitos corpos negros são induzidos. Em diversos momentos utilizamos o esquecer como mecanismo de proteção da memória. Pessoas que amamos podem ter ações racistas, e para não nos machucarmos, acabamos utilizando o não lembrar como proteção para que a relação se sustente.

Alisei o meu cabelo dos 9 aos 14 anos de idade. No segundo ano do ensino médio, uma colega de escola decidiu passar pela transição capilar³, acredito que durante as férias escolares, pois ao final do ano letivo ela estava com o cabelo liso e no início do outro ela estava com ele totalmente cacheado. Creio que a transição começou antes, mas percebi apenas quando fui arrebatada pela beleza e confiança que ela demonstrava. Decidi que iria parar de alisar o cabelo. Durante nove meses passei pela transição e foi uma das épocas mais dolorosas de minha vida. Afinal, todo o racismo sofrido no ensino fundamental poderia

³ A transição capilar é um processo assim denominado por pessoas que decidem parar de fazer determinados procedimentos químicos, tais como: relaxamentos, alisamentos e/ou escovas “inteligentes” com o objetivo de modificar o formato do fio de seu cabelo. Como a própria expressão indica, é um processo de transição, de mudança e que como a maioria das mudanças implica em transformações, adaptação e a saída de um lugar-comum para outro diferenciado. (GOMES, Larisse. 2014)

retornar agora no ensino médio por uma decisão consciente de querer voltar para mim mesma. Me sentia sozinha, não procurei acolhimento com a colega em questão e nem em outros meios. Minha autoestima estava dilacerada, mas meu objetivo era maior e persisti. Após nove meses fiz o meu primeiro *Big Chop*⁴. Fui ao salão em companhia de minha mãe que parecia até mais feliz que eu. Amei o novo corte que moldava perfeitamente meu rosto, me senti bonita e empoderada, não me recordava como era meu cabelo e me conhecer novamente era a mesma coisa de renascer.

Cheguei na escola atônita, recebi o carinho de todos os meus amigos e colegas de classe, embora sempre pairasse uma insegurança do que poderia estar por vir. E eu não estava errada. Um dia, ao chegar à escola, meu melhor amigo vomitou a seguinte frase: "Nossa, você não penteia o cabelo mais não?". Lembro-me de ficar perplexa ao ouvir tais palavras. Apenas respondi: sim. Hoje penso se não deveria ter sentado e lhe explicado por tudo que eu estava passando ao invés de escolher engolir a dor que aquela frase me causou. Hoje, decido me perdoar. Não deveria colocar tanto peso nas costas de uma adolescente que já estava disposta a se apropriar de sua identidade para educar o amigo.

Aqui falo da necessidade de, ainda quando adolescente, sentir que precisava educar meu amigo sobre suas falas e práticas. Surge um apontamento importantíssimo a ser feito: pessoas negras como educadoras de pessoas brancas. A realidade é que o racismo foi criado por pessoas brancas e a comunidade que sofre o racismo é a comunidade negra, quem luta contra ele é a comunidade negra. E não deveria ser assim. Eu não preciso explicar as falas racistas que pessoas brancas tem e pedir para que elas não falem mais. Eu não preciso falar para pessoas brancas não nos colocarem como alvos de suas violências. Eu não preciso explicar como o racismo estrutural compõe a produção de nossos corpos. Hoje a internet já democratizou grande parte da informação, os meios midiáticos abordam o assunto ainda que de forma superficial. Está na hora das pessoas brancas tomarem para si as responsabilidades de seus atos. Entrarem na linha de frente combatendo o que a comunidade branca criou, pesquisar sobre formas de se combater o racismo cotidianamente, em seus atos e suas falas, e o mais importante, praticar o antirracismo.

⁴ *Big Chop* - Grande corte. É o primeiro corte feito após a transição capilar retirando uma grande parte do cabelo que contém química, deixando apenas a parte natural.

A Universidade de Brasília sempre foi um objetivo estabelecido em minha vida desde o ensino fundamental. Eu tinha em minha lista de metas entrar no curso de Comunicação Social e ser uma publicitária aclamada pelo meio. Mas, para dar início ao plano, eu precisava ingressar na universidade. Para isso, existiam duas formas: a primeira era pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), que ainda continua até hoje. Durante os três anos do ensino médio nós temos a oportunidade, ao final do ano, de fazer uma prova e somar pontos para entrar em um curso da universidade ao final do terceiro ano. A outra forma era pelo vestibular, que abria inscrições para toda a comunidade⁵. Eu nunca fui uma aluna excelente, mas também não era abaixo da média. A verdade é que eu sempre fui a média. Isso não me incomodava, eu conseguia compreender grande parte dos conteúdos e tirava boas notas. Ao final do ensino médio, fiz a última prova do PAS, porém, não consegui entrar na universidade. Algo que sempre ouvia de meus professores era “Você não escolhe a UnB, a UnB é que escolhe você”. Não entendia porque a UnB não me queria como estudante, pois grande parte dos meus e minhas colegas ingressaram logo de primeira e apenas eu e outra amiga não conseguimos.

Durante as férias, após os resultados do PAS, eu e minha melhor amiga decidimos ir visitar a escola que experienciamos todo o ensino médio. Ao chegar, falamos com a diretora com entusiasmo. Minha amiga havia sido aprovada para Arquitetura e Urbanismo, e recebeu um caloroso parabéns da gestora. Ao perguntar para mim qual curso eu havia passado, comuniquei humildemente que infelizmente ainda não tinha conseguido. A profissional em questão proferiu a seguinte frase, como se já esperasse que eu só não tivesse passado daquela vez, como se eu também não fosse conseguir nunca: “Ah, tenta no Piauí, lá deve ser mais fácil”. Duas coisas me incomodaram muito na fala dela. A primeira foi a expectativa de que

eu nunca iria passar e a segunda foi colocar o Piauí como um lugar inferior a Brasília. Como expõe Chimamanda Ngozi Adichie em uma conversa no TED⁶:

⁵Atualmente a principal forma de ingresso a Universidade de Brasília se dá pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que abre inscrições para todo o Brasil.

⁶ TED é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias – segundo as palavras da própria organização, “ideias que merecem ser disseminadas”

Todas essas histórias fazem-me quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história (2010).

A história contada nos coloca como inferiores intelectualmente a pessoas brancas e faz com que nós carreguemos um estereótipo completamente infundável. Quem falou que eu não sou capaz de ingressar na Universidade de Brasília? Quem falou que tentar ingressar em uma universidade no Piauí será menos honroso e mais fácil? Quando o sujeito não tem o anseio de buscar o outro lado da história e se sustenta apenas na única história contada sobre os negros, o racismo estrutural toma forma e continua a docilizar nossos corpos.

Contradizendo todas as expectativas colocadas, ou, não colocadas em mim pela diretora da escola citada acima, em 2015 ingressei no curso de Comunicação Social na Universidade de Brasília. Era um sonho realizado. A cada dia que colocava meus pés na universidade me sentia em êxtase, sentia que meu coração poderia sair pulando por minha boca. Poderia escrever cinco páginas tentando descrever esse sentimento. Com o passar dos semestres, o brilho em meus olhos se apagava cada vez mais. O curso que ingressei demandava um bom equipamento de trabalho e na época eu não poderia arcar com os custos. Ao final de dois anos senti que não havia me desenvolvido profissionalmente e não conseguia me imaginar atuando na profissão. Trago novamente a citação de Alberto Roberto Costa (2015), quando diz que os corpos têm outras urgências, não se adaptam, se recusam a aprender, porém, resistem consciente ou inconscientemente.

Refletindo a respeito dessas inaptações, recusas e resistências pelos corpos negros, em um artigo intitulado *A mulher negra na sociedade brasileira*, originalmente publicado em 1981, Lélia Gonzalez demonstra que crianças negras são vítimas da escola, aparelho ideológico estatal. De acordo com ela, as instituições educativas reproduzem os mecanismos do racismo e o perpetua por meio do reforço “naturalmente” internalizado pelas crianças. A intelectual constata que ao reagir simbolicamente à violência que sofrem, as crianças são consideradas desajustadas ou mentalmente doentes e chama atenção para a população carcerária e dos hospícios do ponto de vista racial (GONZÁLEZ, 2020).

Ainda no curso de comunicação, lembro-me de uma colega que estava fazendo uma entrevista com algumas estudantes sobre como as opressões atingiam os corpos do gênero feminino. Falei sobre como o peso era uma questão muito grande pra mim e moldava comportamentos e tipos de roupa que eu usava. Porém, ao ler o trabalho da colega o que me chamou atenção foi o depoimento de outra pessoa. Ela falava que mesmo a universidade se mostrando um local acolhedor para todos, quando uma mulher negra se percebia enquanto corpo que tem desejos afetivos e sexuais, não era facilmente aceito por outros corpos.

Acreditamos que essas ideologias, especialmente aquelas veiculadas pelas teorias do luso-tropicalismo, têm uma influência reguladora nas escolhas dos parceiros afetivo-sexuais entre homens e mulheres brancos (as), negros (as) e mestiços (as) na sociedade brasileira. Com isto, não quero afirmar que as classificações sociais não podem ser negociadas e reorganizadas no mundo social. Os ditos populares “branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”, que foram evocados e legitimados na obra freyreana, funcionam como elementos estruturantes das práticas sociais e afetivas dos indivíduos. Tanto assim que a miscigenação brasileira é uma prática cultural que se realiza muito mais pela preferência afetivo-conjugal de homens negros por mulheres brancas, do que ao contrário, como atestam alguns estudos, o que contraria o modelo freyreano de uma democratização das relações sexual-raciais no Brasil (PACHECO, 2013, p. 51).

O corpo negro para ser desejado precisaria estar moldado nos formatos aceitáveis para os outros. Quando coloco a palavra aceitável, quero dizer que para se tornar um corpo negro de desejo, você deveria estar no padrão estético de um corpo magro, negro de pele clara e seus traços negróides deveriam ser velados colocando a estética europeia em evidência. E isso força os corpos de mulheres negras à solidão.

Ainda que o peso da docilização me fizesse querer desistir, eu tentava de todas as formas não abandonar a faculdade. Em 2017 fiz a escolha de não me retirar da universidade, mas busquei outro meio de pertencer: fiz o vestibular novamente e ingressei no curso de Artes Cênicas.

A universidade foi o lugar que mais me causou desconfortos. A educação bancária foi a base da minha escolarização. Sempre fui colocada como agente passivo. Não fazia perguntas, ainda que tivesse dúvidas. Não expressava pensamento crítico, ainda que os formulasse em

minha cabeça. Era me dada a posição de inércia e assim permanecia. Ao entrar na universidade vi pessoas sendo protagonistas de seus aprendizados, vi pessoas sendo militantes ativas de suas causas político-sociais. E me vi, parada, inerte. Comecei a questionar o meu local enquanto pessoa negra. Eu sou negra o suficiente? Porque eu não consigo falar igual às pessoas que são iguais a mim? Porque eu não me sinto capaz de expressar meus pensamentos e ideias? Porque eu me sinto menos do que essas pessoas? Porque essas pessoas negras são tão ativas com nossas causas e eu sou tão assim, eu?

Neste momento é a primeira vez que sinto que não estou inerte. Ao colocar todas as minhas experiências aqui eu grito, eu me abro, eu me compreendo, eu me perdo. Digo que é um alívio encontrar embasamento teórico para o que eu sinto. É um alívio encontrar embasamento teórico para o que eu sou.

Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 1994, p. 83).

Neste momento, eu cuido daquela criança e daquela adolescente que não sabiam para onde ir, não sabiam onde ficar. A doclização do corpo negro age tão cruelmente que nos culpamos por absolutamente todas as coisas que permeiam nossa produção. Me orgulho de não desistir daquela criança e nem daquela adolescente.

Capítulo 2 - Corpo resistente

Quero falar do cansaço que toma esse corpo, quero falar das dores físicas e mentais, quero falar da exaustão, quero falar das noites em claro, quero falar de meu coração batendo rapidamente em ansiedade, quero falar do desejo, quero falar da liberdade, quero falar da libertação, quero falar da descoberta desse corpo, quero falar do ar que inspiro e expiro, quero falar dos odores, das fragrâncias, quero falar da voz que ecoa em meus pensamentos.

Quero falar sobre como cheguei aqui, para que outras pessoas iguais a mim se sintam acolhidas e não desistam de si.

Você é um corpo resistente. Resistente enquanto alma, resistente enquanto carne. Você se lembra da primeira vez que resistiu? Você sabe o que é resistir? Você estar vivo para contar a história, é resistir? O que é resistência? Quais lugares permeiam a resistência? Resistência porquê? Para quê? O que é resistir? Caminhar pela rua, é resistir? Conseguir fazer três refeições balanceadas todos os dias, é resistir? O seu fazer artístico, é resistir? Seguir a profissão que lhe coube, é resistir? Não saber o seu caminho, mas continuar caminhando, é resistir? Quem precisa resistir?

Define-se “resistência” como “Ação ou efeito de resistir, de não ceder nem sucumbir; recusa de submissão à vontade de outrem; tendência para suportar dificuldades, como doenças, fome, grandes esforços; qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo; força que se opõe ao movimento, inércia” (RESISTÊNCIA, 2020).

A resistência muscular é a capacidade dos nossos músculos de repetirem um esforço. Ainda que não haja um grande peso, a quantidade de repetições e esforços colocados em um grupo muscular faz com que ele trabalhe e se tonifique. Já a resistência emocional, conceituada por Roudinesco e Plon (1997) na psicanálise, é algo prejudicial ao corpo, uma vez que, resistência, entende-se quando o corpo não está aberto a adentrar questões emocionais tornando difícil o alcance ao inconsciente.

Coloco esses dois conceitos sobre resistência para trazer mais questionamentos do que respostas. Corpos negros nunca deixaram de resistir e a resistência traz consigo subjetividades. A resistência acompanha a sobrevivência. A docilização do corpo negro ocorre em diferentes situações e recortes. Existem inúmeras formas de se praticar o racismo e inúmeras formas de combatê-lo.

Têm-se uma prática racista muito cruel de desumanizar corpos negros colocando em posição de mais fortes do que o corpo branco. Isso faz com que mulheres negras, ao dar a luz, a suas

crianças, precisem passar por situações degradantes ao ouvir “Mulher negra é mais forte, você não precisa de anestesia” ou “Mulher negra tem quadril largo, você foi feita para parir”. Já sabemos que essa prática é completamente infundada e foi alimentada por centenas de anos. Corpos negros nunca foram mais resistentes fisicamente ou emocionalmente. Foram tantas formas de docilização que precisamos produzir nossas resistências. Nós precisamos resistir. Enquanto grupo, enquanto seres individuais, nós precisamos lutar para viver. Quando a morte é sua única certeza, a resistência é necessária.

Ao passar por todos os processos docilizadores, corpos pretos têm em seu caminho emocional diversos obstáculos a serem superados. O racismo é letal. E impacta diretamente na produção das subjetividades de corpos negros com sentimentos de inferioridade, invisibilização, baixa autoestima e uma autocobrança descabida. Em entrevista, o filósofo Kabengele Munanga (2016) afirma: “Não vemos o carrasco do racismo porque ele não se assume como tal. Então é uma morte física e também da consciência do negro. A segunda se dá pelo silêncio, pelo não dito que impede que a vítima e a população tomem consciência de que o racismo existe”.

Quando Roudinesco e Plon (1997), expõem sobre resistência como um obstáculo para se alcançar o inconsciente, é completamente compreensível se tratamos de um corpo negro que sofreu todos os processos de docilização aqui já citados diversas vezes. Quando o europeu branco é inserido na cultura como o corpo ideal, o corpo universal, não apenas o corpo negro, mas todos os outros são colocados à margem, como corpos inferiores. A inferiorização do corpo está diretamente ligada a essa consequência. Muitos corpos negros negam suas subjetividades porque estas sempre lhes foram negadas: o choro, o falar sobre o que sente, o não acreditar na dor daquele corpo. O corpo negro não resiste porque é mais forte geneticamente, ou porque não carrega subjetividades. O corpo negro resiste porque precisa sobreviver, e onde há resistência, há sobrevivência.

Apenas corpos vivos podem ser mortificados. Corpos mortos não estão aptos à experimentação do sofrimento. Em contrapartida, só um corpo vivo é capaz de se desmortificar, libertar-se do sofrimento, descobrir a alegria e lançar-se na imanência do desejo. A diferença entre *morrer* e *mortificar* é, por isso, facilmente constatável: só podemos mortificar repetidas vezes um corpo ainda enquanto ele vive; nada obsta que o corpo mortificado

continue vivendo (e viva), como se a vida fosse uma grande espera pela última dose de mortificação, aquela que é ministrada pela morte (OLIVEIRA, 2017).

A desmortificação é o ato do corpo de negar a morte que lhe foi imposta. Nossos corpos são expostos e mortos diariamente em suas carnes e subjetividades. E negar a morte é resistência. Mas, como fazer com que o corpo negro que sempre foi lançado à morte se liberte e reconheça suas potencialidades ainda que o mundo pareça estar contra ele?

Resistência não é uma receita de bolo. Cada corpo negro perpassa por diferentes processos de docilização, então aqui não posso falar de como um corpo deve resistir. Por isso é necessário que se apresentem possibilidades para esses corpos. A educação antirracista se dá pela desmortificação do corpo, quando o corpo negro é colocado como protagonista, quando consegue pertencer em si e no mundo, quando se vê como potência: o corpo nega a morte. Carolina Maria de Jesus encontrou a resistência para sua sobrevivência em sua escrita: seus livros e diários tornaram-se sua desmortificação. Assim como Grada Kilomba em seu poema Enquanto eu escrevo⁷

Às vezes eu temo escrever.
A escrita adentra o medo
Para que eu não possa escapar de tantas
Construções coloniais
Nesse mundo
Eu sou vista como um corpo que
Não pode produzir conhecimento
Como um corpo fora do lugar
Eu que, enquanto escrevo.
Cada palavra escolhida por mim
Será examinada
E, provavelmente, deslegitimada.
Então, por que eu escrevo?
Eu tenho que fazê-lo
Eu estou incrustada numa história
De silêncios impostos,
De vozes torturadas,
De línguas interrompidas por

⁷ Tradução livre do texto "WHILE I WRITE" de Grada Kilomba, feito por Anne Caroline Quiangala (UNB). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w

Idiomas forçados e
 Interrompidas falas
 E eu estou rodeada por
 Espaços brancos,
 Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer.
 Então, por que eu escrevo?
 Escrevo, quase como na obrigação
 Para encontrar a mim mesma
 Enquanto eu escrevo
 Eu não sou o
 Outro
 Mas a própria voz
 Não o objeto
 Mas o sujeito.
 Torno-me aquela que descreve
 E não a que é descrita
 Eu me torno autora,
 E a autoridade
 Em minha própria história
 Eu me torno a oposição absoluta
 Ao que o projeto colonial predeterminou
 Eu retorno a mim mesma
 Eu me torno.

2.1 - Espetacularidade como resistência

Nós, seres humanos, somos seres espetaculares, tudo o que fazemos carrega uma estética, carrega nossas trajetórias, nossas vivências. Para dialogar especificamente sobre isso, trago a Etnocenologia, disciplina que tem como viés, o estudo do espetacular.

Etnocenologia é uma disciplina inicialmente criada por um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores na França em 1995, e consolidada no Brasil por Armindo Bião. Tem-se como objeto de estudo a espetacularidade. Inicialmente os objetos teriam sido definidos como Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados - PCHEO (BIÃO apud VELOSO, 2016, p. 90). Após estudos, foi percebido que PCHEO não abarcava todas as ramificações da disciplina e com isso Bião propôs outra organização, se utilizando das classes gramaticais da língua portuguesa, os objetos espetaculares foram divididos em três

subgrupos: artes do espetáculo (espetacularidade substantiva), ritos espetaculares (espetacularidade adjetiva) e fenômenos da rotina social (espetacularidade adverbial).

As artes do espetáculo, substantivamente, seriam definidas como: a dança, o teatro, a performance, o happening. "realização reconhecível por todos como "arte", em seu sentido mais gratuito e simplificado. Sua função precípua seria o divertimento, o prazer e a fruição estética (no sentido sensorial e de padrão compartilhado de beleza)" (BIÃO apud VELOSO, 2016 p. 92). Os ritos espetaculares, adjetivamente, seriam os ritos políticos e religiosos que teriam a intenção de serem representativos e comemorativos, ou seja, não precisam de um público para serem espetaculares "Nesse grupo de objetos, ser espetacular seria uma qualidade complementar, imprescindível decerto para sua conformação, mas não substantivamente essencial" (BIÃO apud VELOSO, 2016, p. 92). E por fim, os fenômenos da rotina social, objeto espetacular adverbial, que são situações em que pessoas com suas características físicas, trejeitos, vestimentas, causam curiosidade ao espectador, tornando um grupo ou pessoa interessante para estudiosos e pesquisadores.

Ao trazer os processos docilizadores que compõem a produção do corpo negro, não quero dizer que nossos corpos são apenas dores e as violências sofridas. Trago-as aqui porque são necessárias e o silenciamento nunca foi um caminho para a superação. A única forma de combater o racismo é falando sobre ele. Nossos corpos negros são fundamentalmente resistência, e essa resistência manifesta-se de diferentes formas espetaculares.

A espetacularidade negra dentro das artes se coloca em forma de representatividade. O negro em posição de protagonista e não sendo colocado em papéis secundários como se a margem sempre lhe pertencera. Quando a arte negra é valorizada, o corpo negro é valorizado. Quando o corpo negro tem a possibilidade de fazer a sua arte, de falar sobre si, de empoderar crianças e jovens, instigando vontades de ocuparem lugares que nunca lhe pareceram possíveis. Resistimos enquanto artistas negros quando grupos de dança, teatro, música se apresentam e tem a possibilidade de falar de si, como reis, rainhas, de mostrar como a nossa cultura afro-brasileira tem valor sim e como você, criança, jovem, adulto, idoso negro, tem força, tem arte. A resistência negra se mostra quando nós enchamos teatros, cinemas, casas de músicas, bares, com espectadores para nos ver, para pagarem

pelo nosso trabalho. Resistimos quando gritamos: estamos aqui e vocês não sairão ilesos. E assim, resistimos pela espetacularidade substantiva.

Resistimos enquanto ritos populares quando praticamos nossa fé nos terreiros. Não precisamos de espectadores, mas ainda assim a espetacularidade existe, ela não é para ser mostrada, é para ser vivenciada, em nosso íntimo, em nossa fé, em nosso sangue, em nossos corpos. A cada batida de pé, a cada palma, a cada ponto cantado. Resistimos porque a intolerância religiosa nos obriga a resistir e seguimos. Resisto quando converso com a Preta Velha de minha mãe. Salve vó Cambinda de Mina. Quando vejo a espetacularidade do corpo de uma entidade ocupar com toda a delicadeza e força o corpo de minha mãe. A cada puxada em seu cachimbo, a cada pequeno passo daquele corpo idoso, a cada palavra de fé que trocamos. Resistimos quando o Caboclo ocupa o corpo de minha mãe, quando ele bate duas vezes em seu peito afirmando sua presença, quando defuma minha casa e nos protege. A cada Gira afirmamos nossa negritude, e essa afirmação é espetacular. E assim, resistimos pela espetacularidade adjetiva.

Resistimos enquanto fenômenos da rotina social quando meu cabelo, que foi o objeto de práticas racistas, se tornou o meu maior orgulho e símbolo de força. Meu cabelo cresce pro alto, e pro alto ele vai ficar. Resistimos quando caminhamos na rua e vocês nos enxergam e nos veem como espetaculares, também pela nossa estética corporal. Tomamos o ato deliberado da nossa negritude, não fazemos para espetacularizar, fazemos para afirmar a negritude que há em nós e diariamente ainda é negada. Resistimos quando não nos negamos a sermos quem somos. Quando desmortificamos esse corpo que foi mortificado ao longo do tempo. E assim, resistimos pela espetacularidade adverbial.

Para tratar dessas diversas 'espetacularidades', realizei uma entrevista com Naiara Lira que utiliza sua estética como maneira de resistir. Naiara Lira é arte-educadora, musicista, atriz, diretora e produtora cultural.

2.2 - Naiara Lira

Perguntei a Naiara quem era ela hoje, e ela me respondeu que a primeira coisa que vinha a mente dela é: “Eu sou tudo que quero ser e foda-se”. Ela começou a sair do lugar de, se isso for conveniente, ou, desde que não faça mal a alguém. Diz que hoje é o seu próprio projeto de vida. “Quero ser referência nacional e internacional em trazer pessoas negras, em promover artistas negres, principalmente de mulheres negras que saíram da periferia. Ser um trampolim, esse é um pouco do que eu sou e mais do que eu quero ser” diz Naiara. A artista se compreende como uma mulher negra privilegiada e acredita que precisa utilizar os privilégios que tem, para estar por pessoas que começaram a corrida lá atrás.

Naiara é filha de um casamento interracial. Mãe branca, avós brancos de olhos azuis, donos de fazenda. Pai preto. Sua avó, mulher negra, baiana, chegou à Brasília através de um pau de arara⁸ com sete crianças. A artista diz que pensa muito no abismo entre as duas famílias.

A primeira vez que Naiara se autoafirmou como mulher negra, foi aos 25 anos. Diz que passou a vida convivendo por muito tempo com a parte branca da família, porque era mais confortável. Como fala em entrevista disponível no apêndice 1:

Estar com a família da minha mãe me trouxe um entendimento de que eu sou morena. Tenho uma referência do livro *A Moreninha*. Minha mãe falava que eu era a moreninha, um dia descobri que tinha um filme da moreninha, quando fui assistir o filme, era uma atriz branca e eu fiquei assim: mas eu sou a moreninha (LIRA, 2021).

Em 2010, relata que estava sentada em uma mesa com três amigos negros, e começou a falar sobre como quando era adolescente e se achava muito feia. Uma das amigas que estava na mesa falou que ela não se achava feia por ser feia: se achava feia por ser negra. Na hora, Naiara respondeu com estranhamento e disse que era porque performava masculinidade na época. E a amiga a indagou, sobre uma colega branca, com cabelo liso, loira que também performava masculinidade, mas que, ao contrário de Naiara, era incluída no grupo social. “Minha amiga começou a fazer várias perguntas com esse mesmo viés e sempre adicionando: mas, e a sua amiga branca que fazia a mesma coisa? Enquanto ela

⁸ Pau de arara é um meio de transporte irregular que ainda é utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar nos caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais.

perguntava eu refletia. Até que ao final, tive uma clareza súbita em minha mente: Caralho, eu sou negra”.

Após o acontecimento, a artista decidiu fazer um rasta⁹, para se compreender melhor, para se apropriar de si mesma, para se autoafirmar. "No dia que eu fiz o rasta eu percebi que não tinha mais a passabilidade de antes, quando resolvi me apropriar de mim mesma, os olhares começaram." Fala que quando colocou o rasta, estava como professora de música de uma escola, e todo dia antes das aulas, sentava no mesmo banquinho e treinava as músicas que ia tocar na flauta para suas/seus estudantes. "Normalmente, como eu fazia isso todos os dias, as pessoas já estavam acostumadas comigo ali e passavam reto, não me encaravam. Mas no dia que eu coloquei o rasta, eu esqueci a flauta, e todas as pessoas olhavam pra mim." Ela diz que todos que passavam por ela a encaravam e logo mudavam a direção do olhar para seu uniforme. Diz que ficou se questionando o porquê das pessoas estarem olhando para seu uniforme, e foi aí que decidiu dar uma volta pela escola, durante a volta, encontrou mais ou menos cinco pessoas com rasta igual a ela, e todas eram funcionárias da limpeza. "Nesse momento eu entendi o porquê de me olharem e depois focarem em meu uniforme. O dos funcionários da limpeza era diferente do meu, percebi novamente que eu tinha passabilidade até um momento, mas quando eu afirmava "Negra sim, negra sou!" a história era outra."

Algo muito importante a ser dialogado, é o fato de corpos negros sempre serem colocados em posições inferiores. Primeiro que, caso Naiara realmente fosse uma funcionária da limpeza na escola que lecionava aulas de música. Qual seria o problema? A desvalorização de funcionários que não ocupam cargos de gestão ou de docentes é cruel e nega a presença dos corpos. Todos os funcionários que constituem o espaço escolar estão na posição de educadores, estando no contrato deles o título de professor, ou não. Outro ponto a ser falado é o fato de sempre desacreditarem que corpos negros estão ocupando espaços como o de docente, mestra/e, doutora/doutor e tantos outros. Ainda que o racismo estrutural docilize nossos corpos, resistimos e ocupamos espaços que antes nos eram negados. Cabe a branquitude compreender.

⁹ Rasta é uma das nomenclaturas de um tipo de trança que junta fios de cabelo sintético aos fios naturais, o mesmo nome também pode representar o dreadlock. É um símbolo de resistência da cultura negra.

Nessa mesma escola, uma das alunas, branca dos olhos azuis, chegou em Naiara e falou: “tia, minha mãe disse que seu cabelo fede”. Na mesma hora, a arte-educadora pediu para que a menina cheirasse e perguntou para ela qual era o cheiro, e ela prontamente respondeu: shampoo.

Uma das coisas que percebeu, também, foi quais pessoas elogiavam o seu cabelo, e majoritariamente, as pessoas que faziam isso eram as pessoas que frequentavam o samba junto a ela, tanto as brancas quanto as pretas. “E eu falei, claro, samba é de preto, no samba eu posso”. As outras pessoas, fora do samba, me perguntavam e falavam “por que você fez isso?”, “Mas, seu cabelo é bom, você não precisa disso!”

Colocar o rasta foi uma ação decisiva na vida de Naiara, ela expõe que sempre frequentava restaurantes e bares e era muito bem atendida, a partir do momento que adentrou esses locais com o rasta, tudo mudou e as pessoas passaram a ignorar a presença dela. Ao colocá-lo, Naiara tinha a intenção de não apenas assumir a estética, mas também utilizá-la como experimento para saber como as pessoas iriam reagir.

Existe a exaltação da estética grecoromana associada às noções de bem, beleza, harmonia, ordem, limpeza, pureza, enquanto que as culturas que não fazem parte desse círculo recebem atribuições pejorativas como primitiva, demoníaca, caótica, suja, pobre. Somente com a busca por uma educação mais humanizada é que percebo o quanto a escola me formatou para não pensar nas questões contra-hegemônicas (COSTA, 2015, p. 33).

Assumir a estética do corpo negro, da cultura negra, é assumir nossa espetacularidade adverbial. Em um país como o que vivemos, o racismo está incrustado na vivência de diversos corpos e nos é lançado diariamente. E somos resistência, e continuaremos.

Ao fazer uma viagem para a Sérvia, como cantora principal do Festival Brasileiro, no qual iria cantar samba. Naiara teve uma surpresa ao chegar. Não havia nenhuma pessoa negra e, as moradoras e moradores da Sérvia, pareciam nunca ter visto uma pessoa negra na vida. Acharam ela e sua equipe espetaculares. Naiara fala que as pessoas a perguntavam se ela não se sentiu exotizada, e sobre isso ela fala:

então o fato não é que eu me sentia exótica, é que eu era, de fato. Diferente do Brasil, em que a maioria da população é negra e ainda se utilizam do papo de exótico. Me achei o máximo! Eu, que antes era a menina mais feia da sala, agora sou a mais bonita (LIRA, 2021).

Durante a viagem, quando chegava nas lojas, as vendedoras prontamente se disponibilizavam para atendê-la, não apenas por ser negra, mas por saberem que ela era “gringa” e saber que tinha dinheiro. Como a cidade era pequena, todos sabiam que ela e sua equipe estavam lá. Naiara conta que em algumas lojas enquanto as pessoas estavam procurando atendentes, tinham duas pessoas com ela a atendendo, e coloca: “quando eu tava na sérvia, eu entendi o que é ser uma mulher branca no Brasil, ser bem atendida, ser cobiçada, as pessoas te acharem linda.”

Naiara fala sobre os comentários que ouvia como “Nossa, finalmente uma brasileira com cara de brasileira”. Porque apenas brasileiras com características europeias chegavam nesses lugares. Ao final da viagem, Naiara criou o Duo Camboatá, apenas com artistas negras, com a intenção de levá-las para todos os lugares possíveis. Ela pensou que: “a arte negra fez com que eu galgasse o caminho para ser a artista principal do festival brasileiro na Sérvia, cantando samba. E, que se eu consegui, gostaria de impulsionar outras pessoas negras ao mesmo.”

Novamente trago a espetacularidade adverbial como pauta. Ao chegarem na Sérvia, Naiara e sua equipe experimentaram o que é ser visto com olhos curiosos, se tornando corpos espetaculares e extraordinários. A curiosidade dos Sérvios não era pautada em conceitos racistas, era pautada na beleza que os corpos negros demonstravam naquele local.

Sempre se pautou muito na autoafirmação, enquanto pessoa muito inteligente. Ela fala que compreendia que, mesmo que as pessoas não a desejassem. Mesmo que sua beleza lhe fosse negada. Ela sempre se auto afirmava enquanto pessoa inteligente, que na verdade não precisava estar em posição de desejo, mas que estava sempre em busca de chegar a seu objetivo.

Meu processo de resistência, além de ser criado em cima da minha autoestima inabalável, em relação a minha inteligência, é: “só de saber que alguém não me quer, eu já não quero muito primeiro”. Frase falada por

minha avó e minha mãe, que carrego até hoje comigo. “Se esse espaço não me quer, eu já não quero muito primeiro” (LIRA, 2021)

Naiara, fala também, que sua resistência se coloca em cada encontro com outra pessoa negra, e que ao trocarem diálogos ela consegue se auto afirmar, ao encontrar cruzamentos nas suas vivências:

Quando eu encontro outra pessoa negra e eu posso trocar uma ideia com ela, de tipo, olha eu não to ficando maluca, acontece com você também, nossa eu achei que tava exagerando, e eu não tô! Então, quando tomei consciência de que todas as minhas inseguranças eram geradas pelo racismo estrutural, eu peguei elas, as amarrei em um saco e joguei longe. Porque eu sou maior que isso (LIRA, 2021).

Quando Naiara ingressou no mestrado pela Universidade de Brasília. Decidiu mediar uma matéria chamada Investigação da Memória e Identidade Negra para a Cena. A proposta, era que pessoas negras compartilhassem suas vivências e experiências e as utilizassem em cena. Para que as pessoas se inscrevessem, a mestranda disponibilizou uma postagem em diferentes redes sociais, convidando todos os corpos negros a se inscreverem, e pedindo para que pessoas brancas não se inscrevessem, já que o objetivo da matéria era promover o aquilombamento de corpos negros. No dia seguinte a postagem, Naiara ficou sabendo que sua orientadora, a chefe de departamento, a chefe do Instituto de Artes - IdA e até a reitora da universidade, estavam se mobilizando para responderem uma reportagem de jornal na qual, Naiara estava sendo denunciada ao desencorajar corpos brancos a se inscreverem na matéria, já que haviam poucas vagas.

Ao descobrir de onde partiam as denúncias, percebeu o que realmente tinha acontecido. Sua postagem havia sido frequentemente compartilhada por grupos bolsonaristas¹⁰, com a mensagem que: a Universidade de Brasília iria ter uma matéria apenas para pessoas negras. Então, Naiara pensou que o incômodo vinha em relação à união que corpos negros estavam tendo dentro da universidade. E decidiu ir além, mobilizou a turma e todas as pessoas escreveram um projeto para o FAC - Fundo de Apoio a Cultura. “Eles se incomodaram assim por causa de uma postagem? Imagina se eu colocar dinheiro na mão dessas e desses, pretos e pretas?”

¹⁰ O bolsonarismo é um fenômeno político de extrema-direita que eclodiu no Brasil com a ascensão da popularidade de Jair Bolsonaro, especialmente durante sua campanha na eleição presidencial no Brasil em 2018.

A reação dos grupos em relação à postagem de Naiara, expõe, não apenas o medo que esses grupos têm de verem pessoas negras se unindo e caminhando para um coletivo, mas também, evidencia os processos docilizadores. Ao nos distanciarem uns dos outros, nos tornam fracos e impõem a cultura, a estética europeia em nossos corpos. Quando tomamos nossos espaços de direito, nos aquilombamos e negamos a branquitude racista: eles temem. Pois sabem, que nós não estamos aqui para sermos vítimas.

Capítulo 3 - A escola que eu quero

Quero falar sobre corpos possíveis de si e do mundo, quero falar sobre força, quero falar sobre visão, quero falar sobre cabelos, quero falar sobre projetos, sobre metas, quero falar sobre assuntos delicados demais, quero falar sobre assuntos banais. Quero que nossos corpos possam, e quando eu digo possam, é que eles possam tudo, quero falar sobre corpos que possam falar o que quiserem e até sobre nada, quero que possam não apenas sonhar, mas realizar cada pequeno e grande sonho. Quero estar na produção de corpos que saibam quem são. Quero estar na produção de corpos iguais e diferentes de meu corpo, quero ser exemplo para corpos docilizados. Quero não deixar que ninguém seja flecha e ninguém vire alvo.

Escolarização para quem?

Para começarmos a falar sobre resistência na escolarização, precisamos compreender que essa resistência é necessária ainda fora do espaço escolar. É primordial a criação de políticas públicas que reconheçam que corpos negros são vítimas do racismo estrutural e que busquem soluções e posicionamentos antirracistas. Neste momento eu não quero dizer que o trabalho de uma/um professora/professor com pedagogias antirracistas seja inútil se não tivermos outros segmentos. Porém, o trabalho dentro e fora da escola é essencial para termos uma produção plena de corpos negros e não brancos. A educação antirracista não irá contemplar a produção apenas do corpo negro, mas de todos os corpos pertencentes àquele lugar.

O Centro de Pesquisa Transdisciplinar em estudo¹¹ sobre o papel da gestão escolar na educação antirracista, coloca que de 6 a 10 anos de idade, cerca de 96% das crianças brasileiras estão matriculadas no ensino fundamental. Quase não existindo diferença entre crianças brancas (95,7%) e negras (95,9%). Entretanto, ao decorrer das fases da escolarização, nos anos finais do ensino fundamental essa porcentagem atinge o valor de 90,4% para corpos brancos e 85,9% para corpos negros. No ensino médio a porcentagem continua a mudar, chegando a 79,6% para corpos brancos e 66,7% de chance de corpos negros estarem matriculados.

Creio que todos já sabemos que o racismo estrutural e os processos docilizadores são os responsáveis por essas porcentagens. O que precisamos agora é falar sobre como tornar esses corpos resistentes dentro da escolarização, quais políticas públicas são necessárias e quais metodologias antirracistas podemos adotar para mudar drasticamente esse cenário vivido por tantos corpos não brancos.

Estudos feitos por Alexsandro Santos (2020), pela revista Nexo Jornal, apontam algumas ações que, se tomadas no ambiente da escolarização, estarão contribuindo para uma educação antirracista. São elas:

Nomear e promover discussões, conteúdos e metodologias que trabalhem as violências sofridas por estudantes dentro da escola, seja violência racial, religiosa, de gênero ou classe. O diálogo aberto sobre esses temas faz com que a/o estudante saiba o que realmente ocorre e tenha a consciência de lidar de forma muito mais madura e aberta. Abordar o racismo durante todo o ano letivo, não apenas em datas comemorativas, como no mês de novembro¹², a educação antirracista precisa estar no planejamento diário dos/as docentes. Incentivar e promover a formação continuada para docentes e gestores, tendo como

¹¹

<https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2020/A-cor-do-sucesso-escolar-e-o-papel-da-gest%C3%A3o-educacional-na-agenda-antirracista>

© 2021 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98. A sua publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia é proibida.

¹² No dia 20 de novembro é celebrado o dia da consciência negra.

objetivo a educação antirracista. Produção e distribuição, dentro e fora de sala de aula, de materiais didáticos que promovam a cultura africana e afro-brasileira, utilizando referências negras de todas as formas e espetacularidades. Articulação de coletivos negros com a escola, promovendo a construção de uma agenda antirracista, na qual estudantes possam vivenciar oficinas, participar de grupos de trabalhos e experienciar a espetacularidade negra nas artes. Criação de políticas públicas que auxiliem famílias de crianças não brancas, cooperando para a diminuição da evasão escolar e reprovação de estudantes que precisam trabalhar.

Essas são algumas ações urgentes que precisam ser tomadas para que possamos ter um ensino antirracista visando o pleno desenvolvimento de todas/os as/os estudantes de forma equânime. Porém, as metodologias que adotamos como docentes também são de extrema importância e para abarcar esse recorte. Trago dois docentes do ensino público básico do Distrito Federal e Mestres pela Universidade de Brasília: Alberto Roberto Costa e Ana Carolina Conceição, que em sua sala de aula se utiliza da metodologia de projetos promovendo o protagonismo juvenil na produção de seu próprio aprendizado

Ser docente é, inicialmente, saber ouvir e perceber quais as narrativas que cada um traz consigo para depois saber qual resultado estético e ético podemos tirar disso. [...] A metodologia baseada na pedagogia de projetos em si não é algo novo, porém considero relevante o relato da sua aplicação e das adaptações necessárias que vivenciei como uma indicação de caminhos possíveis que ensejam colaborar com os docentes de artes da educação básica. Pois uma proposta que considera que o aluno é capaz de criar suas próprias soluções tem aplicabilidade em variados contextos, e, assim como defendia Paulo Freire, responde a uma necessidade de uma educação que permita aos alunos sua autonomia (CONCEIÇÃO, 2018, p. 17).

A pedagogia de projetos, tem como metodologia o ensino pela experiência. Nesse segmento, ocorre a quebra do ensino bancário, e tem-se a implementação de uma sala de aula muito mais dinâmica, provocativa, e instigante para a/o estudante, que será o/a protagonista na produção de seu aprendizado. O papel do/a docente nessa metodologia é de estar como mediador. Sobre esse local Ana Carolina Conceição destaca que gostaria que as/os estudantes “reconhecessem na professora seu papel mediador para auxiliá-los dentro

de suas necessidades e habilidades, assim, a assimilação da disciplina seria mais concreta” (2018, p. 22).

Outro ponto importante a ser destacado sobre a pedagogia de projetos, é que o objetivo não é ignorar o caminho percorrido pela/o estudante. Nessa metodologia o que menos importa são as respostas. O foco é que a/o aluna/o produza seus questionamentos e experiencie o caminho até obter a sua resposta, seja ela plena ou parcial. “Ou seja, os alunos são incentivados a experimentar, estudar, experimentar de novo, documentar, registrar, filmar, observar a prática dos demais colegas para, a partir daí, poderem opinar” (CONCEIÇÃO, 2018, p. 23).

Compreendo que a pedagogia de projetos deveria ser aplicada desde o início da fase de escolarização, do ensino infantil ao ensino médio, sendo o/a educador/a o/a mediador/a nas situações que a/o estudante estiver produzindo seu conhecimento e exercendo sua autonomia. O protagonismo infantil e juvenil está diretamente relacionado ao ensino antirracista. Isso pode se dar a partir do momento que a/o estudante traz consigo suas vivências, tem a oportunidade de dividir com os outros, propor questionamentos e produzir respostas, sem que o seu corpo seja exposto a processos docilizadores.

Uma ação é dita protagônica quando, na sua execução, o educando é o ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o adolescente adquire e amplia seu repertório interativo, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sócio-comunitário. O centro da proposta é que, através da participação ativa, construtiva e solidária, o adolescente possa envolver-se na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na sociedade. Um dos caminhos para que isso ocorra é mudar nossa maneira de entender os adolescentes e de agir em relação a eles. Para isso, temos de começar mudando a maneira de vê-los. O adolescente deve começar a ser visto como solução e não como problema (COSTA, 2007, p.1).

Nesse momento, caminhamos para a educação antirracista.

3.1 - O negro como referência estética

Alberto Roberto Costa, que faleceu precocemente no ano de 2021, deixou um legado para a educação, e em sua sala de aula se utilizava da metodologia antirracista e a define como

[...] tenho acreditado cada vez mais na potência da conscientização negra para reverter os efeitos criados pelas atitudes racistas. O despertar do orgulho pelo pertencimento compõe o núcleo da minha prática pedagógica. Tal práxis se configura em uma proposta de enfrentamento ao racismo que consiste em despertar o desejo de identificar-se com representações positivas da beleza negra. Para isso, defendo que a valorização da estética afro por meio de sua espetacularização reverte os discursos que insistem em docilizar o corpus negro (2015, p. 169).

Para justificar os processos docilizadores que corpos negros foram expostos, foi necessária uma ideação no imaginário das pessoas de que corpos negros são perigosos, animalescos, desprovidos de inteligência intelectual e emocional. Assim o racismo foi criado. No momento em que nossos corpos foram colocados nessa posição marginalizada, nossa cultura também foi. O jazz, o samba, o funk, nosso teatro, nossas religiões, nossos orixás, nossa comida, nossa forma de falar. Sobre isso, Guimarães coloca:

Como forma de legitimar a colonização nos países africanos, os europeus inventaram a raça como justificava de explorar e subalternizar os negros na África. Como de costume, um grupo majoritário estipula normas e padrões a fim de subjugar outro grupo a fim de alcançar seus interesses. Além do mais os discursos colonialistas posicionaram os negros na sociedade e construíram a sua imagem historicamente. As raças são discursos sobre origem de um grupo, que usam termos que remetem a transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais e psicológicas. Agindo desta forma, o colonizador construiu o estereótipo negro através da essência para justificar seus atos de dominação e exploração (2008, p.66).

Mesmo com a criação do racismo, com o decorrer das vivências e experiências, constituiu-se no Brasil o mito da democracia racial. Esse mito se sustenta com a premissa de que todos os corpos brasileiros têm as mesmas oportunidades, desde empregos até relações afetivas, e que nenhuma pessoa sofre discriminação pela cor de sua pele. No entanto, sabemos que isso não passa de um mito, e para isso basta consultar dados científicos ou conversar com uma pessoa negra sobre a produção de seu corpo.

A partir desse cenário é urgente a necessidade de um ensino antirracista que coloque a estética negra como evidência. Diversos objetos espetaculares que foram criados pela cultura negra só foram aceitos a partir do momento que corpos brancos tomaram aquilo

para si. Baco Exu do Blues é um cantor, compositor e rapper brasileiro. Em suas letras encontramos a vivência do corpo negro e da cultura negra como protagonista. Em uma de suas músicas, intitulada Bluesman fala sobre como nossos objetos espetaculares nos foram tomados e da necessidade de reavermos o que pertence a nós:

Eu sou o primeiro ritmo
a formar pretos ricos.
O primeiro ritmo que tornou pretos livres.
Anel no dedo em cada um dos cinco.
Vento na minha cara eu me sinto vivo.
A partir de agora considero tudo blues,
o samba é blues,
o rock é blues,
o jazz é blues,
o funk é blues,
o soul é blues,
eu sou exu do blues.
Tudo que quando era preto,
era do demônio,
e depois virou branco.
Eu vou chamar de blues.
É isso entenda,
Jesus é blues.

(BACO EXU DO BLUES, 2018)

Quando reavemos o que nos foi tirado e afirmamos nossa negritude, fazemos uma educação mais justa e plena, com reconhecimento e respeito pelas culturas que formam este país. Ao fazermos a escolha de trabalharmos a cultura negra negando estereótipos de submissão, temos uma educação antirracista. Quando ao invés de contarmos apenas sobre os sofrimentos dos corpos escravizados, também contamos sobre a resistência desses, estamos

mediando a produção de corpos que sabem de sua força e de seu pertencimento. Conforme diz Costa em seu trabalho sobre resistência à docilização do corpus negro:

Acredito que a potencialidade das representações cênicas pode ressignificar as identificações, e por consequência, as identidades. Portanto, trata-se de processos que valorizam a estética africana e afro-brasileira como espetacularização de sua beleza com poder de inverter mecanismos que persistem em provocar a docilização do corpus negro (COSTA, 2015, p. 175).

A arte-educação nos dá a oportunidade de explorarmos diversas metodologias e conteúdos. A pergunta primordial é: Qual docente eu quero ser? Faço essa pergunta a você, leitor, mas também a mim. Não é difícil cairmos em um limbo de metodologias engessadas e ensino bancário. Muitas vezes a própria instituição na qual lecionamos nos coloca nesse lugar e torna nossa saída quase impossível. Porém, educar é resistir. Temos escolhas a fazer e a partir da desmortificação de nossos corpos, mediamos a desmortificação dos corpos de nossas/os estudantes. Ao escolhermos estudar as espetacularidade substantiva, adjetiva e adverbial, da cultura negra, ao trazermos como referências artistas e teóricos negros, ao propormos produções artísticas que realmente valorizem nossa cultura, nossa raiz, e que não nos coloque apenas em caixinhas moldadas por pessoas que de nós, sabem apenas o que foi colocado em seu imaginário, praticamos um ensino antirracista.

Para dialogar sobre a prática de metodologias antirracistas, trago a professora Mariana Maia. Mulher negra, nascida e criada no Rio de Janeiro, leciona a matéria de artes na Escola Municipal Professor Hilda do Carmo Siqueira e na Escola Municipal Romeu Menezes dos Santos, as duas localizadas na cidade de Duque de Caxias - RJ, para estudantes do ensino fundamental II e educação de Jovens e Adultos. Mariana, além de arte-educadora, é artista performer e educadora no Museu da História e Cultura Afro-brasileira - Muhcab. Formada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, tem como metodologia o protagonismo juvenil em suas aulas. Conheci Mariana em uma residência artística EnCena Preta promovida pelo Festival Frente Feminina. O festival é viabilizado por um grupo de artistas mulheres aqui de Brasília-DF e acontece anualmente. Em decorrência da pandemia, o festival, a residência artística e outras oficinas foram todas de forma online, propiciando o encontro de mulheres negras de todos os estados do Brasil. Durante a residência, pudemos vivenciar diferentes subjetividades de mulheres negras.

3.2 - Mariana Maia

Dei início a minha conversa com Mariana pedindo para que ela me contasse como se deu a produção de seu corpo como arte-educadora, quais experiências ela havia vivido e como essas vivências se colocam no fazer educacional dela.

Mariana, que sempre foi estudante da rede pública de ensino, iniciou sua carreira como docente também na rede pública de ensino do Rio de Janeiro em 2008 e segue até hoje. Começou mediando aulas no ensino de Jovens e Adultos, depois migrou para o ensino médio e novamente migrou para o ensino de crianças e adolescentes. Logo em seu primeiro ano como docente, Mariana lecionou em uma escola para Jovens e Adultos. Por ser mais nova que muitos de suas/seus alunas/os, e compreender que, ainda que ela tentasse quebrar com a hierarquização que existe entre professora/aluna/o, o papel que ela exercia carregava pesos da hierarquização. Ela diz que se colocou naquele lugar não em posição de ensinar, mas em posição de aprender e ouvir o que suas/seus estudantes tinham a falar. E essa vem sendo sua estratégia desde então: colocar a/o estudante em protagonismo. “O que eu falo eu não levo tão a sério assim, eu levo a sério o que eles falam”. Coloca a professora ao falar também, sobre o ensino conteudista. O conteúdo se torna prescindível uma vez que as/os estudantes carregam tantas vivências viscerais na produção de seus corpos. Como coloca Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõem a mim a escutar o educando em suas dúvidas, seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar *com ele* (FREIRE, 2007, p.119).

Quando Mariana colocou sobre não se levar a sério, confesso que me causou um estranhamento e, me imaginando na mesma posição, tentei conceber como seria essa sala de aula. Cheguei a conclusão de que, em diversos momentos, principalmente quando estamos como docentes de crianças, queremos ter o controle para que a sala não seja barulhenta, para que elas não se machuquem, para que não briguem. Mas, que sala de aula seria essa, se não pudessem experienciar? O que Mariana fala é muito importante. Ao se

tornar uma professora que não se leva tanto a sério assim, oportuniza que as/os estudantes fluam suas subjetividades, conseguimos fazer com que a hierarquização seja quebrada e que a/o estudante seja a pessoa que realmente está produzindo o conhecimento, não apenas para si, mas para todos que estão em corpo naquele ambiente e fora dele também. Já que, a educação vai além dos muros da escola.

Como professora de artes visuais, Mariana diz que sua sala é como um ateliê, e que sua atitude é lançar propostas para que as/os estudantes, junto à ela, fluam arte. Apesar dos sucessos em suas aulas, a professora coloca que muitas vezes passou por momentos difíceis e que quase pensou em desistir, uma vez que, todas as propostas que ela disponibilizava para as/os estudantes não as/os agradava. Apesar das dificuldades, diz também que sempre no momento em que estava pensando em desistir, acabava levando uma rasteira das/os próprias/os alunas/nos que a surpreendiam com suas subjetividades.

Histórias de Duque de Caxias é um projeto criado e mediado pela professora, no qual as/os discentes têm como objetivo produzir um texto com as histórias de suas vidas, e transformá-los em um filme. Elas/es escrevem um texto em formato livre das suas vidas ou da cidade onde moram. A docente fala que as histórias são bem particulares, o que muitas vezes coloca as/os estudantes em posição de acanhamento, porém, ao verem suas histórias se tornando imagem, se sentem muito orgulhosas/os de estarem sendo ouvidas/os e de suas/seus colegas se apropriarem. Mariana fala sobre a elitização da escrita, em que muitas vezes a escola acha o texto do aluno deficiente por vir acompanhado de alguns erros de português, entretanto, quando você lê e flui o texto junto com as/os estudantes, consegue perceber as nuances e é sempre inspirador participar do processo, desde a criação do texto, produção do vídeo e as conversas que geram ao assistirem as produções artísticas.

Um dia, a professora entrou em uma turma na qual sempre ignoravam ela, era educação de jovens e adultos, à noite. E ela já havia desistido deles. Já decidida a não dar aula, entrou em sala e disponibilizou câmeras para que caso eles quisessem, pudessem experimentar. Ao colocar as câmeras em sala, eles acharam interessante, decidiram parar de ignorá-la e lançaram a pergunta: “Professora, como que usa isso aqui?” E assim surgiu o projeto Histórias de Duque de Caxias.

A educação como resistência fomenta experiências que desenvolvem a superação da homogeneização cultural. Trata-se de uma pedagogia produzida com os oprimidos. Há uma infinidade de formas de educar que promovem a pluralidade. Educação não se limita ao conceito de transmissora de conhecimento, de informações, de palavras de ordens. Educação, conscientização, resistências são práticas intimamente relacionadas em que as fronteiras conceituais se agregam constantemente (COSTA, 2015, p.57).

Lembro-me que minha mãe sempre me disse que a única coisa que poderia me deixar de herança, é a educação. E por isso hoje me encontro aqui. Essa citação de Costa me faz refletir exatamente sobre isso. Uma educação libertadora, resistente, que o objetivo não é transmitir conhecimento. Mas fazer com que o corpo estudante tenha consciência de si, tenha caminhos por onde resistir.

Ainda que, em um momento que Mariana estava em posição de esgotamento por parte da turma. O ato de disponibilizar os equipamentos para que as/os estudantes pudessem fazer o que elas/es quisessem, ao invés de priorizar conceitos da arte, ou a transmissão de conhecimento. Gerou nelas/es o sentimento de curiosidade. Afinal, o que elas/es poderiam fazer com as câmeras? O que era aquele ato da professora de apenas disponibilizar é aguardar o tempo delas/es? Era Mariana falando: eu acredito em vocês, eu confio em vocês, vocês podem fazer tudo. E para corpos docilizados, entrar em contato com o: eu posso, eu quero, eu consigo. É libertador.

Em nossa conversa, Mariana trouxe a importância do ensino fundamental I, e a ação de docilização que ocorre na produção do corpo nesse momento. Fala sobre a dificuldade de quebrar o que foi condicionado aos corpos. Um dia a professora levou como tema da aula o Passinho¹³ e acreditou que as/os discentes iriam levantar de suas cadeiras, dançando e performando. Entretanto, as/os estudantes tiveram muita dificuldade de colocar os corpos em ação, seja por medo de não saber se realmente é possível levantar da cadeira e performar sem ter seu corpo tolhido, seja por vergonha das/os colegas de turma. A aula

¹³ “O passinho é caracterizado por sequências de rápidos movimentos com os pés, que são facilitados por rápidos movimentos com a cintura. O passinho mistura elementos de break e funk com ritmos tradicionais do Brasil, como o samba, frevo e capoeira. Tradicionalmente, é realizado sem coreografia, com os dançarinos improvisando conforme a música.” (A HISTÓRIA DO PASSINHO E SUA CHEGADA NAS OLIMPÍADAS DE 2016, CRONIN, RioOnWatch, 2016)

inteira se constituiu em um processo de convencimento, com diversas músicas e estímulos para que eles se soltassem. Até que ao longo da aula alguns começaram a se soltar e espetacularizar.

[...] compreendo que a escola valoriza a racionalidade e apresenta uma estrutura física para que o estudante possa ficar sentado ouvindo o professor no enquadramento temporal e espacial que lhe é destinado. A escola está centrada no racionalismo e na cientificidade. Outros saberes não têm espaço e são ignorados, quando muito, tratados como algo exótico e folclórico (COSTA, 2015, p. 66).

O estranhamento que as/os estudantes tiveram ao serem convidados a se levantarem de suas cadeiras e performarem o Passinho, mostra a ação de como a escola se coloca como formadora de reprodutores de conteúdos, e não de pessoas que fluam suas subjetividades. E principalmente, a matéria de artes que cotidianamente é vista como matéria inútil, que será necessária apenas em momentos festivos para a confecção de adereços e coreografias ensaiadas. Aqui, não estou falando que em artes isso tudo não é possível. Digo que arte é muito mais que isso. É se levantar da cadeira e dançar o Passinho, é pintar com o corpo todo, é fazer um filme da sua história, é fazer uma peça teatral, é tocar um instrumento sozinha/o ou em meio a uma multidão. Arte é experienciar. E a maior tarefa da educação antirracista é: fazer com que as/os estudantes desmortifiquem seus corpos, levantem e experimentem.

A professora, também fala sobre a valorização do trabalho da/do aluna/aluno. Da necessidade de que elas/eles precisam valorizar o trabalho feito por si mesmas/mos e, que além disso, ao se aproximarem da vida adulta, elas/eles não só precisarão valorizar, como precisaram defender o seu trabalho. Como referência, traz Tia Lúcia, mulher negra, artista e que muitas vezes teve seu trabalho desvalorizado mesmo compondo as obras de um museu. Uma vez que, a arte valorizada passa pela academia e muitos artistas negros, assim como Tia Lúcia, não tiveram essa passagem. Ou seja, ainda que se fale para a/o aluna/o que o que ela/e faz tem valor, ao sair da sala de artes, a professora tem consciência que o mundo irá desvalorizar aquele corpo, e com isso é necessário que a/o estudante tenha seu senso de pertencimento muito bem definido. O que muitas vezes não é possível, quando para a aula de artes é destinado apenas de 45 a 50 minutos uma vez por semana. “ Tem o meu

mundinho da sala de aula e tem o mundo, é uma tarefa quase impossível” Diz a professora, em entrevista disponível no apêndice 2.

Ao colocar a frase sobre mundos diferentes, comecei a refletir muito sobre o meu fazer como docente. Neste momento estou dando início a carreira de docência em uma escola particular de Brasília-DF. A matéria que estou assumindo não é Artes, se chama Socioemocional. Eu, como arte-educadora, utilizo o teatro como caminho para as habilidades socioemocionais. Entretanto, para mim, também são destinados apenas 45 minutos por semana com turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. É uma tarefa quase impossível fazer com que eles permaneçam com o sentimento de confiança, empatia, respeito pelo outro, e boa autoestima durante o decorrer da semana. As professoras regentes cobram de minha parte que eu faça um trabalho no qual as crianças virem robôs de boa vontade, respeito, e harmonia. Porém, como farei isso se em meu mundo de 45 minutos elas se sentem à vontade para fluir coisas boas e ruins, refletir e compreender e a partir do momento que saem dele, são tratadas de forma grosseira e tolhidas em suas mínimas ações.

Quando dava aula em Senador Camará, as matérias lecionadas por Mariana eram de grafite, fotografia e cinema. As aulas, em formato de oficinas, davam a oportunidade de experimentar diversas possibilidades. Mesmo tendo uma sala de artes pronta para recebê-las/os, as/os estudantes e a professora preferiam vivenciar outros espaços da escola, que tinha em sua arquitetura árvores, pátios e outras coisas. Os filmes gravados para o projeto Histórias de Duque de Caxias, só se concebiam dessa forma: experimentando. Se as/os estudantes fossem para a sala de aula sentar e escrever um roteiro estruturado, não conseguiriam.

A série de mecanismos para apropriação espacial determina os lugares de vivência humana. Possuir “o seu lugar” é uma necessidade inerente ao ser humano, quer esteja ligada à noção de abrigo e proteção, ou relacionada à sua posição dentro da sociedade. Possuir a imagem do “seu espaço habitado” serve para afirmar a identidade (HEIDEGGER, 2002-2004)

Pertencimento. Ao pertencer em todos os locais da escola, experimentando e fluindo arte. As/os estudantes compreendem que não apenas na escola elas/es podem ocupar qualquer espaço que quiserem, como também levar isso para fora dos muros e ocuparem seus

espaços na sociedade como um todo. Reivindicar nossos espaços não é fácil, e os processos docilizadores tornam tudo mais pesado para nossos corpos, porém, também não é impossível. Resistimos.

Em outra escola que Mariana lecionou, disse que tinha um projeto muito bonito de grafite, que não apenas ela fazia parte, mas na escola havia uma rede muito forte de professores. Infelizmente Mariana disse que sua saída da escola foi de forma um pouco turbulenta uma vez que: “A diretora falou que eu falava de coisas de preto demais.” E que os alunos brancos não se sentiam representados nas aulas dela. Na mesma escola, o projeto de grafite foi sendo desmantelado, visto que a diretora ordenou o apagamento das artes e mandou outra professora pintar flores em cima dos grafites. Flores que não representavam aquela comunidade. Como coloca Luiz Fernandes Oliveira:

O colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõem novos. Opera-se então a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não europeu e a própria negação e esquecimento de processos históricos não europeus. Essa operação pode-se realizar sob várias formas como pela sedução pela cultura colonialista e o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura realizando uma verdadeira aspiração pela cultura européia por parte dos sujeitos subalternizados. Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente do europeu, mas também daqueles do conjunto dos educados sob sua hegemonia. (OLIVEIRA, 2013, p. 50)

Ao não se sentirem representados pelas aulas de Mariana, com o argumento de que ela falava de coisas de pretos demais. Faz com que percebamos o distanciamento que existe do corpo branco em relação a cultura negra, e a necessidade da educação antirracista para além dos corpos negros. A educação antirracista é necessária para os corpos brancos. Para eles compreenderem que a cultura afro-brasileira também faz parte da cultura deles. Esse abismo criado pelo fetichismo cultural europeu apenas reforça os processos docilizadores que o racismo estrutural impõe.

Ao sair dessa escola, Mariana retornou à escola que estudava quando era mais nova. Diz que teve um momento mágico: ao entrar na escola, a professora que deu aula à ela durante

anos, estava se aposentando. Fala que foi muito bem recebida, e ao contar as situações que vivenciou na escola anterior, a diretora proferiu a seguinte frase: o que você precisa para grafitar a escola?

Sobre essa fala, retorno aos estudos de Alexsandro Santos sobre ações urgentes a serem feitas, como a participação não apenas do professor em pedagogias antirracistas, mas de toda a comunidade escolar, proporcionando um local seguro e aberto à experimentações e vivências de corpos não brancos, valorizando a cultura da comunidade que pertence aquele lugar.

Em 2008, seu primeiro ano de trabalho, Mariana deu aula em uma escola de Jovens e Adultos, na qual, um dia, enquanto ela estava fora de sala, as/os estudantes atearam fogo dentro de uma lixeira da sala de aula. Ao retornar, a professora, mesmo assustada, pediu para que as/os alunas/os se retirassem. Ao sair da sala todas/os estavam rindo. Apesar do susto, Mariana diz que continuou na escola e, a mesma turma, ao final do ano, experienciou um processo muito bonito o qual montaram uma exposição com objetos de seus cotidianos por meio do conceito da arte Ready-made - uma coisa qualquer pode se tornar uma obra de arte. Passaram o ano escrevendo um caderno de artista, utilizando a vivência das/os próprias/os alunas/os, colando fotos, papéis de bala, o que elas/es quisessem, e ao final do ano, fizeram uma exposição na qual as/os estudantes propuseram o ready-made com diversos objetos, e se tornaram as/os mediadoras/es da exposição. Explicando para todos os visitantes o conceito da exposição e o porquê de cada objeto estar ali. "Os alunos se apropriando de tudo", diz a professora.

Ao chegar ao fim, minha conversa com Mariana me fez compreender que: a educação antirracista é difícil, e é necessária. Assim como os processos docilizadores são difíceis de serem vivenciados em nossos corpos, a quebra e a negação deles é tão difícil quanto. É imprescindível que toda a comunidade escolar esteja em conjunto em prol da destruição do racismo dentro da escolarização, do racismo estrutural. E para isso é necessário que se dê início ainda nos primeiros anos escolares. É necessário que crianças negras não sejam vistas com maus olhos. Não tenham suas expectativas dilaceradas. Não tenham seus corpos padronizados. Não sejam excluídas. É necessário que se fale sobre o corpo negro. Que se

incentive o corpo negro. Que os espaços da escola como um todo estejam disponíveis para experimentação. Que as pessoas estejam disponíveis para os corpos negros. São necessárias oportunidades para o corpo negro se enxergar e dizer: eu sou capaz.

SouNós

Qual a sua conclusão? Corpo que compreende.

Ao final dessa escrita me indago se realmente fiz uma pesquisa ou só me utilizei desse trabalho como ponte para saber quem eu sou. E se assim for, há algum problema? Eu preciso realmente ter um objetivo além de perseguir o pertencimento de meu corpo? Não me leve a mal. Mas me responda: e se fosse você? Escrevo essas considerações pretensamente finais (nada disso se encerra aqui) quase como um agradecimento. Agradeço aos que vieram antes de mim e me ajudaram a chegar até aqui. Agradeço às teorias escritas, aos diálogos com todos os autores e autoras que por aqui perpassam essa escrevivência. Não consigo colocar um ponto final nas coisas que foram escritas. Acredito que tudo que aqui está, faz parte do início da resistência que tenho dentro de mim. Pensei por muito tempo se havia colocado apenas situações que me machucam e esqueci de viver a beleza que é ser eu. Conclui que foi necessário, não apenas dialogar com esses autores e autoras, mas as entrevistas fizeram parte de um processo de libertação, compreensão e perdão. Hoje, compreendo como a docilização está na produção de meu corpo e compreendo ainda mais a importância de que, apenas quando tomamos consciência do nosso passado, caminhamos para um futuro de corpos desmortificados.

Então se hoje, essa pesquisa foi escrita em primeira pessoa, foi repleta de meus "eus", é porque eu quero ser a pessoa que falei na introdução. Ao tomar consciência de mim, me preparo para o que vem a seguir. Compreendo que a educação antirracista vai muito além de conhecer a abordagem histórica contada nos registros oficiais. Vai além da utilização de referências negras. Vai além das leis. A educação antirracista está em cada palavra de incentivo a/ao estudante. Está em cada momento que a/o aluna se torna consciente da produção de seu corpo. Em cada momento que ela/e toma o pertencimento de si e

reconhece suas possibilidades. Está em cada momento que ela toma força e diz: eu posso, eu quero, eu consigo. Está no momento que eu, como professora, tiro de mim o peso de tentar transmitir algum conhecimento e passo a compreender que não só as/os estudantes têm algo a aprender, mas que eu, nós, em papel de educadoras/res temos muito mais. Hoje, compreendo que a educação antirracista é necessária não apenas para corpos não brancos. Ela é necessária para todos os corpos que habitam este lugar que experimentamos.

Agradeço aos corpos que se disponibilizaram para estarem aqui comigo em diálogo, Likidah, Naiara Lira e Mariana Maia. Ao ouvir, compreendi que experienciamos vivências completamente diferentes, e ainda assim, em algum momento das produções de nossos corpos, nossos sentimentos se cruzaram e me senti abraçada. Seja pelas docilizações, seja pelas resistências. Estar em companhia de corpos pretos é o mesmo de ser eu, de ser nós e por isso hoje: sounós. E me atrevo a dizer que, se colocarmos todos os corpos negros juntos e deixar que cada um fale sobre a produção de seus corpos, encontraremos histórias cruzadas. Porque não importa o seu lugar. O racismo estrutural, como uma avalanche, atinge todos os corpos negros e nos coloca em posições submissas, mas, nós, assim como a avalanche nos levantamos e resistimos.

E ao falar de resistência, coloco novamente mais um “eu”. Um dia, em encontro com meu orientador, Graça Veloso, ele me perguntou o porquê de eu sempre me defender antes de mostrar o que havia escrito. E ele não estava errado. Antes de nossos encontros eu lia e relia o que havia escrito. Meu estômago embrulhava. E minha conclusão era de que a escrita não havia sido suficiente, não apenas a escrita, mas o tema, a forma, cada letra e vírgula estava fora do lugar. E mais uma vez pude perceber como a docilização está em meu corpo. Mesmo que eu caminhe contra ela, diversas subjetividades que estão na produção de meu corpo urgem inseguranças e dores. Combinamos que eu não iria me defender mais. Caso ele tivesse algo a dizer, iríamos conversar apenas após ele fazer a leitura. Para mim não foi fácil em nenhum momento, e nesse momento que escrevo essas palavras um turbilhão de questionamentos me permeiam e ao mesmo tempo eu preciso dizer a mim mesma: calma, você é suficiente.

A verdade é que nós, enquanto corpos docilizados, não iremos tomar consciência de nossas resistências de forma tão rápida e certa. Pelo menos este corpo que vos escreve não. Ainda que nossos corpos sejam fundamentalmente resistência, se colocar como corpo resistente e assumir esse local, em mim, é mais difícil do que imaginei. Essa escrita é resistente? Reconhecer a resistência é ser resistente? Você já percebeu a quantidade de questionamentos que permeiam cada palavra escrita neste trabalho? Questionar é resistir? Sinto orgulho de mim. Resisto e ocupo meu lugar mais do que ontem e sei que amanhã ocuparei mais ainda. Não preciso que você me afirme quem sou, assim como não deixarei que outras pessoas afirmem quem são os corpos que estarei mediando como docente. O corpo é você, e você tem direito de ser quem quiser. O corpo sou eu, e eu tenho direito de ser quem eu quiser.

Teatro não se faz sozinho, arte-educação não se faz sozinha, educação antirracista não se faz sozinha, a produção de nossos corpos não se faz sozinha. E por isso, é urgente que não apenas nós, educadoras/res tenhamos o apoio de toda a gestão escolar para estarmos como mediadoras/res da produção dos corpos. Mas toda a comunidade escolar, todas as pessoas que fazem parte da escola, e fora dela, estão envolvidas na produção dos corpos de crianças, adolescentes e adultos. Pensar no coletivo é ser antirracista. E por isso termino essa escrita com uma fala que antes de entrarmos em cena, damos nossas mãos e juntos proclamamos: “Eu seguro a minha mão na sua, eu uno meu coração ao seu, para que juntas possamos fazer aquilo que eu não posso e não quero fazer sozinha”.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

BASTOS, Maria Helena Camara. (2016). A educação dos escravos e libertos no Brasil: vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (Séculos XVI a XIX). In: **Cadernos De História Da Educação**, Uberlândia, volume 15, número 2, p. 743 – 768, maio-ago, 2016. Disponível em^[A1]: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/35556>. Acesso em: 28 set. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, número 19, p. 20-28, jan-abr, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, artigo 205. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 set. 2021.

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 28 set. 2021.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339f., il. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CONCEIÇÃO, Ana Carolina. **Real e virtual: um passeio pelos projetos e afetos de uma professora de artes numa escola de ensino médio no Distrito Federal**. 2018. 110 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte). Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34473>. Acesso em 28 set. 2021.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. O adolescente como protagonista. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Protagonismo juvenil**: caderno de atividades. Brasília, Ministério da Saúde, 2001, p. 78-81. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd06_13.pdf. Acesso em: 28 set. 2021. COSTA, Alberto Roberto. **A Escolarização do Corpus Negro**: processos de docilização e resistência nas teorias e práticas pedagógicas no contexto de ensino-aprendizagem de Artes Cênicas em uma escola pública do Distrito Federal. 2015. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19859/1/2015_AlbertoRobertoCosta.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

FONSECA, Marcus; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.). **A história da educação dos negros do Brasil**, Niterói : Eduff, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4671529/mod_resource/content/0/A%20Historia%20dos%20negros%20na%20educacao%20no%20Brasil%20.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 49ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 49-64.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 12ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª edição. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. While I write. Tradução de Anne Caroline Quiangala. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3208701>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**, Paraná, 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3lima_miguel_monografia.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. População negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930. 2009. 154f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03022010-174218/publico/CARLOS_EDUARDO_DIAS_MACHADO.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. As duas pedagogias: Formas de educação dos escravos; mecanismos de formação de hegemonia e contra-hegemonia. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 28, p.145-163, dez. 2007. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5029/art10_28.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **História da África e dos africanos na escola**: desafios políticos, epistemológicos e identitários para a formação dos professores de História. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16794/1/mulher-negra-RI.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Zahar, 1998.

ROMÃO, Jeruse Romão (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

SALES, Alcíledes de Jesus; PASSO, José Jovino Reis. **Educação uma questão de cor**: a trajetória educacional dos negros no brasil^[A5]. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-questao-cor-trajetoria-educacional-dos-negros-brasil.htm>. Acesso em: 28 set. 2021.

SAMPAIO, Joselito E. **Pedagogia do pertencer**: práticas educativas em diálogo com a Etnocenologia numa proposta pedagógica em artes cênicas para o EJA. 2020. 181 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte). Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39961/1/2020_JoselitoEduardoMatosSampaio.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

SANTOS, Rhaul de Lemos. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. In: **Anais do X Copene – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Uberlândia, 2018.

Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538362746_ARQUIVO_Copene.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

VELOSO, Jorge das Graças. Paradoxos e paradigmas: a etnocenologia, os saberes e seus léxicos. **Repertório**, Salvador, nº 26, vv, p. 88-94, 14 ago. 2016. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/17456/11396>. Acesso em: 20 set. 2021.

Websites

DICIO, Dicionário Online de Português. **Resistência**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resistencia>. Acesso em 21 set. 2021.

COLUNAS TORTAS. **Desmortificar o corpo**: Deleuze leitor de Espinosa. 2017. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/desmortificar-o-corpo/>. Acesso em: 21 set. 2021.

NEXO POLÍTICAS PÚBLICAS . **A cor do sucesso escolar e o papel da gestão educacional na agenda antirracista**. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opinioao/2020/A-cor-do-sucesso-escolar-e-o-papel-da-gest%C3%A3o-educacional-na-agenda-antirracista>. Acesso em: 14 set. 2021.

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO. **Desafios para uma educação antirracista: das raízes históricas às conquistas legais**. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/desafios-para-uma-educacao-antirracista-das-raizes-historicas-as-conquistas-legais-e-politicas>. Acesso em: 01 out. 2021.

RIOONWATCH. **A história do passinho e sua chegada às olimpíadas de 2016**. Texto de Sarah Cronin. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=21737>. Acesso em: 01 out. 2021.

Vídeos

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**, Oxford, Reino Unido, jul. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 01 out. 2021.

CONCEIÇÃO EVARISTO. *Escrevivência. Leituras Brasileiras*, 2020. 1 Vídeo (23:17 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 01 out. 2021.

CRUZ, Victoria. **Gritaram-me negra**. Laboratório da Imagem Documental em Educação Disponível em: <https://youtu.be/RljSb7AyPc0>. Acesso em: 01 out. 2021.

MAIA, Mariana. **Entrevista concedida a Milca Maria Orrico**. Brasília, 15 de outubro de 2021. Arquivo .mp4 (45 min.)

SANTOS, Alexsandro. **Como a gestão escolar pode garantir a equidade racial na escola?** Nexo Políticas Públicas, nov. 2020. Disponível em: https://youtu.be/PSdTJF_85G4. Acesso em: 01 out. 2021.

Áudio

BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. São Paulo: EAEO Records, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em: 01 out. 2021.

LIRA, Naiara. **Entrevista concedida a Milca Maria Orrico**. Brasília, 18 de outubro de 2021. Arquivo .m4a (43 min.)
